

revista

estudos e pesquisa em psicanálise e criança

redepiaço

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Psicanálise e Criança



CAMPO PSICANALÍTICO
transmissão pesquisa clínica

01
2021

revista *redepião*

estudos e pesquisa em psicanálise e criança

Salvador, março 2021



REVISTA REDEPIÃO

Psicanálise e Criança. n.1. Ano 1. 2021. 130 p.
© 2021 Associação Científica Campo Psicanalítico

CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA REDEPIÃO

Jairo Gerbase, Sonia Campos Magalhães, Vera Motta

Comissão de Redepião 2021

*Angela Rabello (Coordenadora), Cristianne Sampaio, Fátima Pereira,
Jairo Gerbase, José Antonio Pereira da Silva, Leilane Gama, Luane Campos,
Margaret Pisani, Sonia Campos Magalhães.*

Editoração eletrônica *Marcus Sampaio*

Ilustrações *Lygia Simon*

Fotos *Sonia Campos Magalhães*

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO CIENTÍFICA CAMPO PSICANALÍTICO 2021

Diretor *Jairo Gerbase*

Secretária *Fátima Pereira*

Tesoureira *Margaret Pisani*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

REVISTA REDEPIÃO

/ Associação Científica Campo Psicanalítico. – v.1, n.1. **Psicanálise e Criança**
(mar. 2021). – Salvador, 2021.

Anual

Editores: Jairo Gerbase, Sonia Campos Magalhães, Vera Motta.

ISSN :

Psicanálise. 2. Criança. I Associação Científica Campo Psicanalítico.

Uma publicação da Associação Científica Campo Psicanalítico

*Avenida Anita Garibaldi, nº 1815. Centro Médico Empresarial, sala 310,
Ondina Salvador, Bahia 40210-750 Tel: (71) 3486-2057 / 98850-5850*

www.campopsicanalitico.com.br

E-mail cp@campopsicanalitico.com.br

Facebook [com/campopsicanalitico.salvador](https://www.facebook.com/campopsicanalitico.salvador)

Instagram [@campopsicanalitico](https://www.instagram.com/campopsicanalitico)

SUMÁRIO

Jairo Gerbase **Apresentação**

– 7 –

Sonia Campos Magalhães **Por que uma Revista Redepião**

– 17 –

CORPO E LINGUAGEM

Angela Rabello **Deixemos falar as crianças!**

– 25 –

Cristianne Maria Sampaio **O corpo brinquedo da criança**

– 31 –

Luane Campos **Tomboy: uma leitura psicanalítica**

– 45 –

SUJEITO E ESTRUTURA

Fátima Pereira **O autista está no real ou habita o campo da linguagem?**

– 63 –

Jairo Gerbase **Crítica ao conceito de relação de objeto**

– 75 –

José Antonio Pereira da Silva **A criança, os pais e a transferência**

– 85 –

Sonia Campos Magalhães **A fobia e o real**

– 93 –

FANTASIA E INFANTIL

Sonia Campos Magalhães **Todos adotivos**

– 105 –

Vera Motta **A novela familiar – ficção do infantil**

– 115 –

Jairo Gerbase

Apresentação

O projeto de uma Revista de Psicanálise e Criança nasceu há vinte anos. Desde que nos organizamos, em primeiro lugar, como Campo Lacaniano e, em seguida, como Campo Psicanalítico, quisemos ter uma Rede de Pesquisa de Psicanálise e Criança com o objetivo não de formar operadores na prática da Psicanálise e Criança, posto que só há uma Psicanálise, mas de debater as especificidades dessa prática.

Surge daí essa marca: REDEPIÃO. Fizemos cursos, seminários, palestras, debates, mesas-redondas sob essa marca. Alguns de nós escrevemos, desde o início, e publicamos na Coletânea do Campo Psicanalítico, que é editada a cada ano e que já conta com 20 volumes.

O fato de editarmos a cada ano um livro do Campo criava limites ao investimento em mais uma publicação. Felizmente, todo o ano passado, por causa da pandemia, realizamos atividades remotas, o que reduziu drasticamente nossos custos. Então, nos encorajamos para publicar a Revista Redepião.

Decidimos recolher os trabalhos já publicados nas coletâneas do Campo, mas também acolher trabalhos originais.

Também decidimos que esse primeiro número da Revista Redepião não poderia ser temático.

A escolha do Conselho Editorial da Revista, após reunir o material posto à disposição pelos colegas do Campo Psicanalítico, foi

agrupar os artigos em três blocos: Corpo e Linguagem; Sujeito e Estrutura; e Fantasia e Infantil.

No primeiro bloco, o leitor poderá encontrar artigos de Angela Rabello, Cristianne Maria Sampaio e Luane Campos.

Assim, temos **Deixemos falar as crianças!** de Angela Rabello, que quer tratar de questões relativas às mudanças observadas entre pais e filhos na quarentena. O problema abordado no texto é medo da vida X medo da morte. Trauma X Corona. Podemos considerar esse período traumático para a criança? A autora responde com base em uma de suas referências, segundo a qual é improvável que um sintoma analítico seja uma formação cuja condição é o medo da morte. Pois, sendo [o sintoma analítico] uma formação do inconsciente, exige como condição a realização de um gozo inconsciente interdito ou, de preferência, a realização de um gozo inconsciente impossível.

Seguimos com Cristianne Maria Sampaio em **O corpo brinquedo da criança**, que quer tratar da pergunta: para ser, não é necessário brincar? Como o brincar e a linguagem se articulam na constituição do sujeito e do corpo para a psicanálise? Quando pensamos na infância e nas crianças, é quase impossível não associar o brincar a uma atividade humana de criação, de aprendizado, e veículo para a construção de relações sociais e culturais. E aí, entre muitas referências, não pôde faltar Freud observando seu neto brincar com o carretel, o que consagrou como jogo do *fort-da*. A autora faz uma diferença sutil entre o carretel de Freud e o de Lacan, o primeiro sendo um jogo entre o corpo e o brinquedo, o segundo entre a linguagem e o brincar. No presente texto, diz a autora, o brincar e a construção do corpo brinquedo foram desenvolvidos a partir de um lugar anterior e além do *fort-da* e fundamentados na tríade corpo-brincar-brinquedo, fazendo parte do entrelaçamento do Real-Imaginário-Simbólico no que se refere

aos tempos constituintes do sujeito e do seu corpo. A referência principal do texto é baseada em Ricardo Rodulfo, psicanalista argentino que aponta que o conceito de brincar é o fio condutor que podemos tomar para não nos perdermos na complexa problemática da constituição subjetiva. Para esse autor, não há nada significativo na estruturação de uma criança que não passe pelo brincar.

Depois o leitor vai encontrar o texto ***Tomboy: uma leitura psicanalítica***, de Luane Campos. Deixemos falar a autora: “Quando recebi a proposta de Redepião para escrever sobre *Tomboy*, graças aos comentários feitos numa das reuniões, achei que seria fácil, pois é um filme lindo e tinha me tocado profundamente pela delicadeza. Não foi uma tarefa fácil, pois a temática que toca a transexualidade, a possibilidade de mudar de sexo, é uma questão que devemos ter bastante cuidado ao abordá-la, tanto teórico quanto clinicamente. Com isso, me vi rodeada de muitas possibilidades de rota de texto. Pensei em ir pelo caminho da psicanálise política freudiana e abordar textos como *Moisés e o Monoteísmo* ou *O mal-estar da civilização*, ou me estender sobre a asserção lacaniana de que o inconsciente é a política, podendo articular técnica, ética, ato e discurso, para pensar a despatologização da transexualidade, assim como ocorreu com a homossexualidade. Queria falar da marginalidade em que esses sujeitos vivem, ou sobre a dificuldade de aceitação do campo do social quanto a tudo que se apresenta como diferença; ou ainda, pensar nos efeitos sintomáticos de sofrimentos que a cultura provoca. No meu desejo de panfletar a favor dos transexuais, dos intersexos, das travestis, dos homossexuais, contra a heteronormatividade, me perdi; algo me impulsionou a querer falar mais do que devia. Corpo, sexualidade, identificação, semblante, discurso médico e legal, era tanta coisa para falar que não ia dar conta; por

isso, revolvi fazer uma leitura do filme, pensando em seus aspectos pelo viés da psicanálise. Abordar suas falas, seu enredo, sua narrativa, escutar e comentar os significantes que ouvi ali, assim como fazemos na clínica. Assisti uma, duas, três vezes e só na terceira vez percebi que o filme aborda, com enorme compostura, aspectos muito sutis da subjetividade, mais do que propriamente a temática da transexualidade e a mudança de sexo. Portanto, gostaria de trazer para discussão com vocês as sutilezas e reflexões que a personagem Laure me promoveu”.

O segundo bloco de artigos reúne, por sua vez, os trabalhos de Fátima Pereira, Jairo Gerbase, José Antonio Pereira da Silva e Sonia Campos Magalhães.

Continuamos com o trabalho de Fátima Pereira, **O autista está no real ou habita o campo da linguagem?** Diz a autora: “A partir do momento em que a clínica do real se tornou pauta quase obrigatória nos mais diversos espaços psicanalíticos de orientação lacaniana, tem sido comum encontrarmos o autismo circunscrito exclusivamente ao Real, tal como observam, oportunamente, Angela Vorcaro e Ariana Lucero, num artigo que servirá como referência básica para esta exposição: *Entre Real, Simbólico e Imaginário: leituras do autismo*. Para que tal discussão possa ocorrer, será preciso que façamos um levantamento mais cuidadoso acerca do modo como os psicanalistas têm pensado a relação do autista com o Outro. Na bibliografia sobre o assunto, os anos 1980 foram marcados pelas pesquisas notáveis realizadas por Rosine e Robert Lefort, quando se interrogaram sobre a dimensão em que o autista opera, ficando inclusive clássica a definição trazida por eles sobre o assunto: para o sujeito autista, “o Outro não existe”.

Em seguida apresentamos ao leitor o texto **Crítica ao conceito de relação de objeto** de Jairo Gerbase, que começa dizendo que

em Paris, na data de 22 de outubro de 1967, Lacan pronunciou um discurso sem título (Discurso de encerramento das jornadas sobre as psicoses na criança) na jornada organizada por Maud Mannoni. Poderia ser um primeiro objetivo de meu comentário tentar dar um título justo ao texto de Lacan. Um segundo propósito seria o de atualizar seu discurso, fazer, como dizem os italianos, um *aggiornamento*, o que não será muito difícil, posto que consiste em tornar compatível o que ele disse antes e depois. Para dar conta desses dois propósitos, o autor divide o seu texto em diversas seções: 1) O que é a doença mental? 2) Por que reunir a criança, a psicose e a instituição? 3) O alienista, o psiquiatra, o psicanalista 4) Outro, objeto *a*, mesmo, outro, a relação de objeto.

Agora leremos **A criança, os pais e a transferência**, da autoria de José Antonio Pereira da Silva. O autor inicia seu texto dizendo que a criança é um analisando por inteiro, que se há alguma especificidade na prática com crianças não será por causa da sua idade, mas em razão da relação da criança com o gozo; que é importante lembrar que a teoria psicanalítica adverte que a criança ainda não tem responsabilidade pelo seu gozo. Diz, em seguida, que em uma definição estrutural da criança, em oposição a uma definição histórica, a criança é um sujeito e, como tal, não conhece evolução, como compreende a psicologia do desenvolvimento. Diz ainda que o sujeito para a psicanálise quer dizer, apenas, o efeito de sentido da linguagem, mais precisamente, o efeito do *non-sens* da linguagem ou seja, isso que se encontra a partir do enunciado. Por fim, diz que sabemos que na experiência psicanalítica com criança a presença e a participação dos pais são necessárias. Nesse sentido, será preciso indagar se há, nesta clínica, alguma especificidade no que diz respeito à transferência, indagar como fica então a questão do laço transferencial com os

pais na análise. O laço transferencial com os pais está sujeito, desde sempre, à ambiguidade, como aquilo sem o que não há análise possível, e também, como dizia Freud, como aquilo que pode impedi-la. A implicação dos pais na análise dos seus filhos tem essa ambiguidade: os pais podem viabilizar que a análise aconteça ou podem ser um empecilho para ela.

Agora vamos ler um breve resumo de **A fobia e o real**, de Sonia Campos Magalhães. “Aprendemos, com Freud, que a fobia surge a partir de um encontro primordial com a angústia. A fobia seria uma saída sintomática que protegeria o sujeito contra a angústia de castração, localizando essa angústia no medo de um objeto específico. Aprendemos, com Lacan, na sua leitura cuidadosa da obra freudiana, que esse encontro com a angústia é estrutural. Ele dirá, em certo momento de seu ensino, que ‘a angústia é afeto típico do real’. Creio que esta afirmação de Lacan nos permite dizer que a fobia pode surgir diante do advento do real. Soler vai nos lembrar que há uma tipicidade das fobias da criança e, se perguntarmos quais são os significantes destas fobias, poderíamos lembrar – o escuro, a solidão, mas, sobretudo, o bestiário - o lobo, o cavalo, o leão”.

Por fim, o terceiro e último bloco de artigos oferece ao leitor trabalhos já publicados em outros veículos, mas que o Conselho Editorial da Revista Redepião julgou pertinentes para compor o número inicial desta revista, com artigos da autoria de Sonia Campos Magalhães e Vera Motta.

O artigo de Sonia Campos Magalhães, intitulado **Todos adotivos**, constitui um clássico nas referências aos temas da fantasia e da adoção. Para tanto, a autora recorre a Freud, desde o *Projeto para uma psicologia científica*, passando por *Romances familiares*, até alcançar Jacques Lacan em seus comentários aos conceitos aí contidos, como os do estado do desamparo, ou melhor, da

derrelição inicial do humano ao nascer, do conceito de *Unbewusst* como alicerce ao saber, chegando até a invenção lacaniana do *falasser (parlêtre)*. A partir da máxima extraída por Freud do campo do direito, *pater semper incertus est, mater certissima*, a autora encontra os comentários de Bruno, Chatenay e Gerbase, para concluir que não há, propriamente, criança adotada, mas criança adotiva, culminando em outra máxima que dá título ao trabalho: Todos adotivos.

Esta edição da Revista Redepião se completa com o texto de Vera Motta – **A novela familiar – ficção do infantil**. A autora salienta: “Em *Romances familiares*, Freud abre o artigo com a afirmação de que o indivíduo, no curso do seu desenvolvimento, liberta-se da autoridade parental, operação psíquica necessária para o progresso da sociedade, apoiado na oposição entre as gerações sucessivas. Nessas operações, o neurótico parece falhar, o que impõe a Freud considerar os elementos que se ocultam por trás desse sintoma. Isso nos conduz ao tema da fantasia e do romance familiar do neurótico. Estes dois grandes temas – separar-se dos seus pais e estabelecer-lhes oposição – serão objeto de considerações de psicanalistas contemporâneos, dos quais selecionamos dois para comentar. Uma primeira referência é o artigo de Gurski (2006), em que a autora busca interrogar as condições sociais que dificultam a elaboração do adolescer na atualidade, apontando, através de recortes fílmicos e de alguns referenciais teóricos, o que ela designa por ‘juvenilização’ da cultura e dos seus efeitos na transmissão da experiência dos adultos aos mais jovens. O termo ‘juvenilização’ inspira-se em outro, de empréstimo linguístico do inglês, ‘teenegização’, para o qual Kehl aponta em seu trabalho *A juventude como sintoma da cultura*”.

Com esses resumos, esperamos convidar o leitor a ter uma boa leitura de nossa Revista.

*[...] será na maneira pela qual a língua
foi falada e também escutada por esta ou
aquela criança, na sua particularidade, que
alguma coisa, em seguida, ressurgirá em
sonhos, em toda sorte de tropeços, em todas
as formas de dizer.*

SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*.
Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012, p.46.



Sonia Campos Magalhães

Por que uma Revista Redepião

Nascido do desejo de manter vivo o que foi trazido por Freud a respeito da criança e fiel à orientação de Lacan de se conceder importância a esta criança trazida, de forma surpreendente, pela psicanálise, emergiu no Campo Psicanalítico de Salvador um Centro de Estudos e Pesquisa sobre Psicanálise e Criança denominado REDEPIÃO.

Surgido no Campo Psicanalítico de Salvador, esse desejo vinha de antes, de muito mais atrás no tempo, e creio ser preciso a ele retornar. É um tempo que nos leva à então Clínica freudiana, aos já distantes anos 1980, durante os quais alguns psicanalistas se lançaram ao trabalho de criar um espaço dedicado ao estudo e pesquisa da criança trazida pela Psicanálise. Foi então que surgiu a expressão – Psicanálise e Criança – expressão que apontava que a relação entre a psicanálise e a criança não poderia ser prepositiva – psicanálise de crianças – mas sim lógica, da ordem da conjunção: Psicanálise e Criança.

Lembro-me bem do entusiasmo que nos tomou, então, e dos colegas que vibravam com o estudo da psicanálise nesta vertente que apontava para a questão da Criança. Como não recordar deste tempo e dos colegas então envolvidos e, sobretudo, de Jairo Gerbase e de seu interesse pela questão da criança da

psicanálise? Com sua lucidez e experiência clínica ele começou a propor que nos dedicássemos à leitura e estudo de textos freudianos sob a orientação lacaniana, a apontar que poderíamos nos aproximar do precioso dispositivo do Cartel. Começou a se lançar à tradução de textos, a propor encontros e jornadas sobre questões cruciais relativas à criança e ao infantil, momentos propícios a suscitar intervenções, debates e discussões.

E, desde então, o trabalho passou a acontecer neste espaço dedicado à Psicanálise e Criança.

Os tempos se passaram e, da Clínica freudiana, chegamos ao que hoje chamamos Campo Psicanalítico, e é nesse Campo que veio se situar a REDEPIÃO. Com essa denominação, dois termos se articulam – REDE e PIÃO. Com o primeiro termo – REDE – buscava-se suscitar o desejo de que se estabelecessem possibilidades de inúmeras trocas entre os participantes desse espaço. Com o segundo – PIÃO – procurava-se manter uma referência à criança e seu brincar e também a este brinquedo que, de certo modo, ousa dizer, nos faz evocar princípios e conceitos psicanalíticos. Poderíamos dizer que ele nos leva a pensar na pulsão e na repetição? E, por que não dizer, no prazer e no gozo? Esse brinquedo, que tem atravessado os séculos, nos mostra que, uma vez lançado, se move, roda, gira, oscila e tomba, até que seja relançado, de novo, de novo...

Em suas atividades de aulas, mesas redondas, exposições de filmes e debates, a REDEPIÃO vem se dedicando a estudos e pesquisas visando a abordar problemas relativos às formas contemporâneas do mal-estar que se apresentam como desafios para a prática clínica de Psicanálise e Criança. Tem-se buscado sempre trabalhar em uma articulação com a Arte e a Literatura, fiéis companheiras da Psicanálise, e estabelecer conexões com

outros campos do saber como a pedagogia, o jurídico, o social e a medicina.

Se os tempos difíceis chegados com o advento da COVID 19 trouxeram a exigência de busca de novas formas para a continuidade dos trabalhos em REDEPIÃO – já não mais possíveis de serem realizados de forma presencial –, esses mesmos tempos de incertezas, no entanto, conseguiram suscitar um ânimo crescente naqueles que tendem a considerar os desafios que surgem em seus caminhos como apelos à resistência, à criação e à invenção.

Ao longo de seu percurso, tal como na Clínica freudiana, uma aspiração surgia no horizonte daqueles que, trabalhando com a fala, também apostam na escrita: a construção de uma revista a trazer um pouco de REDEPIÃO, neste esforço de manter viva a questão da criança trazida pela psicanálise. E é nesse contexto e na exigência de seguir adiante no percurso vivido até agora que ela surge – a REVISTA REDEPIÃO – em seu número 1, fiel à expressão escolhida e que tem perdurado ao longo de todos esses anos: Psicanálise e Criança.

O que é alíngua? Há a língua e alíngua. Há a língua materna e alíngua do inconsciente. Alíngua é uma linguagem formada dos mal-entendidos da língua. Alíngua é formada a partir dos equívocos da língua. Alíngua é constituída das interpretações equivocadas do sentido das palavras. Com ela se constroem o sonho, o lapso, a piada, a poesia e o sintoma. Constroem-se as chamadas formações do inconsciente, que são formações do significante.

Alíngua é correlata da contingência do ouvir que tem a vantagem de não deixar o sujeito passivo, de fazê-lo ator e autor do que se ouve, e a partir daí seja o que for que se diga fica esquecido atrás do que se diz, a partir daí cada enunciado deixa supor uma enunciação.

GERBASE, Jairo. A hipótese de Lacan. A peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia. São Paulo, v. 1 p. 101-110, jan./jun. 2009.

Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/2702/1745>> Acesso em 01/02/2021.

CORPO E LINGUAGEM

Angela Rabello

Deixemos falar as crianças!¹

*O velho está morrendo
O novo ainda não apareceu
No claro escuro desse desaparecimento
Surtem os grandes monstros²*

Na minha primeira participação em REDEPIÃO do Campo Psicanalítico, dessa rede que, como nos diz Sonia Campos Magalhães, entrelaça dois termos – brinquedo infantil que balança, rodopia e tomba, o pião, com REDE, essa malha que interconecta saberes e pessoas em torno do desejo de saber, saber sobre a criança, – trouxe questões relativas às mudanças observadas entre pais e filhos na quarentena.

Hoje volto a tratar desse assunto, com a diferença que, dessa vez, o protagonismo absoluto é a fala da criança, nessas imagens com as quais iniciamos essa exposição. Sugestão de Vera Motta, prontamente acatada por nós.

1 Comunicação em Mesa-Redonda da REDEPIÃO no dia 27 de maio de 2020, junto a Margaret Pisani, Sonia Magalhães e Vera Motta.

2 GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*, conjunto de 29 cadernos de tipo escolar escritos no período em que o autor esteve prisioneiro na Itália, entre 1926 e 1937. Na verdade, começaram a ser redigidos em fevereiro de 1929, no cárcere de Turi, nas imediações de Bari, pouco depois de Gramsci ter obtido autorização para estudar e escrever.

Lanço mão do pião como metáfora. Objeto pião que é feito de antemão para cair, sabemos que ele irá cair. Mas não desistimos de relançá-lo, num processo de repetição e de eterno recomeço. Aproximo assim o pião da vida e da busca pelo saber.

Minha filha, no início da quarentena, me faz a seguinte questão: “– Mãe, não parece que houve uma guerra e tudo acabou e só ficaram poucas pessoas no mundo?” Naquele dia, nossa rua estava especialmente vazia e todos atordoados, como ainda estamos com as notícias vindas do mundo.

Observei também nas brincadeiras de Andreza algo que se repete: o diagnóstico de Corona vírus em alguns de seus adorados bebês. As bebês gêmeas chamam-se Marina e Rafaela e foram testadas para a doença.

Eu perguntei: “– Fez um teste de corona nas meninas, foi? Qual o resultado?” Ao que ela respondeu: “– Mariana tá sem corona, Rafa testou positivo, mas não se preocupe, minha mãe, ela é assintomática”.

O canapê da sala tornou-se um hospital, em que o fio do carregador do celular faz as vezes de soro para alimentar as várias bonecas que estão doentes, mas ela não sabe do quê.

Retomo a pergunta da última exposição: como anunciar a vida no meio do tempo da morte? Continuo a fazer-me essa pergunta quando olho a criança; diria que, do mesmo modo como colocamos o pião para rodar, sabendo que ele vai cair, assim também insistimos na vida e na esperança por dias melhores; apostando que nosso corpo-hospedeiro do Corona vírus possa voltar a circular com liberdade e movimento, podendo salvar-nos do perigo de extinção.

E, no dia em que sairmos de casa (cárcere), possamos encontrar um mundo reconhecível, quem sabe mais acolhedor. É isso que digo à minha filha. Faz parte da tarefa de ser responsável por

alguém que não é responsável por seu gozo, como nos diz Lacan, assegurar que dias melhores virão, mesmo que não estejamos certos disso.

Vejo nos desenhos das crianças e nas brincadeiras o sinal da angústia.

Qual o nosso problema?

Tentarei articular a problemática medo da vida X medo da morte. Trauma X Corona. Podemos considerar esse período traumático para a criança?

Que tipo de vida é essa que estamos todos vivendo, nesses dias de quarentena, e que impacto tem sobre as crianças? Viver é estar lá fora, na *polis*?

É improvável que um sintoma analítico seja uma formação cuja condição é o medo da morte. Pois, sendo [o sintoma analítico] uma formação do inconsciente, exige como condição a realização de um gozo inconsciente interdito [o da relação sexual entre sujeitos de gerações vizinhas, o que Freud denomina complexo de Édipo] ou, de preferência, a realização de um gozo inconsciente impossível [o da relação sexual entre sujeitos da mesma geração, o que Lacan define com o apotegma – não há relação sexual] (GERBASE, Trauma e morte, 2015).

Nesse texto, Gerbase argumenta, se reportando a Lacan, que uma ameaça ao instinto de autopreservação – trauma, não é argumento para a formação de sintoma.

A hipótese do sintoma traumático é a de que uma ameaça ao instinto de autopreservação é condição suficiente à formação de um sintoma analítico. Esta hipótese contraria radicalmente a hipótese do sintoma analítico que vimos desenvolvendo até aqui.

A hipótese da angústia de morte [em oposição à angústia de castração], como condição do sintoma traumático, não apenas quer excluir o gozo inconsciente, mas quer negar que se trata de um gozo sexual. Quer-se desconhecer que um impulso de autopreservação é da natureza de um gozo narcísico, um gozo imaginário do corpo, portanto, gozo libidinal (GERBASE, Trauma e morte, 2015).

E Gerbase continua:

Itero que minha hipótese é que a primeira morte, o temor de perda da vida, não faz sintoma analítico. O que pode fazer sintoma analítico é a segunda morte, o temor de desmaterialização, de desrealização do sujeito, o temor da desrazão, que tem ressonâncias na dimensão simbólica, a da invasão do Real no Simbólico.

E, se estivermos de acordo com a hipótese de Lacan, deveremos concluir que o temor da morte do corpo afetado pelo inconsciente é o próprio temor da morte do sujeito de um significante (GERBASE, Trauma e morte, 2015).

Gerbase tem dito: o que dá medo é a vida. Nisso tenho pensado e espero a ajuda de vocês para articular o que trago nesse texto em primeiras reflexões.

A literatura continua sendo uma aposta para ultrapassamento desses dias enigmáticos, como se vê no vídeo. Nesses dias Andreza lê o *Dicionário do menino Andersen*, de Gonçalo M. Tavares³. Esse livro inteligentíssimo começa assim: “O menino Andersen era um grande inventor e não andava nada satisfeito com as definições de palavras que lia no dicionário...”

3 Tavares, Gonçalo M. *O dicionário do menino Andersen*. SESI São Paulo Editora, 2019.64p.

O menino Andersen, dotado que é da capacidade de criar, rebatiza as palavras, dando-lhes novo significado, de modo a melhor lidar com a sua angústia.

Essa tem sido a aposta aqui em casa: a invenção.

Ontem (dia 19 de maio de 2020), numa mesa sobre literatura no congresso virtual da UFBA, a professora Lúcia Castello Branco usou a palavra literacura, dizendo: “Há um fio que nos une: o fio de água do texto. Fio da experiência literária, não apenas de quem escreve, mas de quem lê”.

Prossigamos!

*Cristianne Maria Sampaio*⁴

O corpo brinquedo da criança⁵

*[...] não há brinquedo,
se não há quem brinque...
para ser é necessário esburacar.*

RICARDO RODULFO

Para iniciar, acrescento à epígrafe de Ricardo Rodulfo as seguintes perguntas: para ser, não é necessário brincar? Como o brincar e a linguagem se articulam na constituição do sujeito e do corpo para a psicanálise?

Quando pensamos na infância e nas crianças, é quase impossível não associar o brincar como uma atividade humana de criação, de aprendizado, e veículo para a construção de relações sociais e culturais.

Segundo Freud (1996b), no ensaio *Escritores criativos e devaneios*, o brincar é o trabalho próprio da infância. Compara a criança que brinca ao comportamento criativo do escritor; ao brincar, a criança investe uma grande quantidade de emoção e cria seu mundo próprio de fantasias. Brinca e separa as brincadeiras de

4 Cristianne Maria Sampaio da Silva – Psicologia & Psicanálise.

5 Texto elaborado para apresentação em Redepião Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Criança no Campo Psicanalítico de Salvador em 15 de julho de 2020.

sua realidade, procurando acomodar os elementos da realidade e viver de forma prazerosa.

Dolto considerou que a criança inicia o brincar muito cedo, anteriormente à aquisição da fala, quando sente prazer ao ouvir a voz da mãe, ao olhar e ser olhado, ao observar; tudo isso é brincar: “divertir-se com as percepções que encontram estando atentas e às quais dão sentido em consequência da função simbólica de que estão constantemente animadas” (DOLTO, 1999, p.116).

Ao pensar sobre a função do brincar na clínica com crianças, Alba Fresler prioriza discutir tal questão partindo “do lugar relevante que o brincar ocupa na própria estrutura do ser humano, a conotação definitiva que sua promoção adquire nos diferentes tempos constituintes do sujeito” (FRESLER, 2012, p.90).

A presença do brincar ou sua ausência indicará de que modo a estrutura está se conformando, se a falta que vem do campo do Outro está operando, efetivamente. Os primeiros jogos na infância dependem de quem cuida e acolhe o bebê; para a psicanálise, o brincar e os brinquedos fazem parte da construção da realidade psíquica da criança, da construção do sujeito e de seu corpo.

Freud vai se ocupar do brincar com mais ênfase em 1915 ao observar seu netinho brincando com o carretel, quando tratou sobre o jogo do *fort-da*, da relação entre o brincar e a construção da realidade psíquica, e o que poderia ser observado quanto à repetição.

Para Freud (1996b), a repetição no ato do brincar funciona como um jogo que consiste na presença-ausência, em que o corpo da criança e o objeto brinquedo se enlaçam. Destaca ainda que há uma renúncia pulsional e, tanto o desprazer como o prazer fazem parte do jogo.

Diferentemente de Freud, Lacan vai discutir o *fort-da* dando ênfase às relações entre a linguagem e o brincar. No seminário 1,

Lacan privilegia a presença do significante no jogo, marcada pela oposição dos fonemas, o que permite que “a ausência seja evocada na presença, e a presença, na ausência” (LACAN, 1986, p.201). A criança sai da passividade à atuação, podendo se colocar numa posição criativa, em que o simbólico dá sustentação ao imaginário da criança e estrutura a experiência com a dimensão do Real.

Mais tarde, Lacan afirmou que a hiância existente entre a ausência e a presença permanece como “causa de um traçado centrífugo no qual o que falha não é o outro enquanto figura em que o sujeito se projeta” (LACAN, 2008, p.66), mas marca o carretel como o próprio sujeito que escolhe um objeto para lidar com sua falta.

No presente texto, o brincar e a construção do corpo brincado foram desenvolvidos a partir de um lugar anterior e além do *fort-da* e fundamentados na tríade corpo-brincar-brinquedo, fazendo parte do entrelaçamento do Real-Imaginário-Simbólico no que se refere aos tempos constituintes do sujeito e do seu corpo.

Lembremos que, para o estado de júbilo da criança diante do espelho possa se consolidar, há uma primeira condição.

Para o bebê capturar sua imagem no espelho, ele volta-se para o adulto que o carrega para que este confirme se de fato é dele a imagem que vê. O júbilo que se apresenta por essa confirmação representa uma antecipação do domínio de seu corpo, no momento em que este ainda não tem uma maturação fisiológica.

E, anteriormente ao momento do júbilo, o que ocorre? No artigo “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’”, Lacan (1998b) apresenta o esquema óptico de Bouasse sobre a física invertida em que, através de um espelho côncavo e de um lugar posicionado num cone formado por dois raios de luz que partem do espelho, é possível ver a imagem real, termo utilizado pela física, do ramalhete de flores

que se encontrava oculto debaixo de uma bancada, no gargalo do vaso, criando a ilusão de um vaso de flores.

Fazendo uma analogia com a relação mãe-bebê, Lacan parte desse esquema apontando os objetos olhar e voz do cuidador direcionados ao bebê como fundamentais para que o Estádio do Espelho aconteça e o sujeito possa advir.

O *His Majesty the Baby* precisa ser antecipado pelo Outro ou ainda, como Lasnik (2004) nos apresenta, uma ilusão antecipadora é necessária por parte da mãe para que esta possa enxergar o que ainda não está lá, o bebê que foi “tão falado”, seu nome, suas características e a previsão de quais seriam suas escolhas.

A existência do sujeito e de seu corpo, já falados simbolicamente, começa a se constituir a partir dessa ilusão antecipatória. Os objetos olhar e voz, a partir do lugar ocupado pelo Outro, são de extrema relevância e marcam a presença e ausência da vida humana para que o corpo e a linguagem se enlacen.

Ainda no artigo sobre Lagache, Lacan (1998b) acrescenta o espelho plano ao esquema de Bouasse, representando-o como “A” do Outro. Posteriormente, no seminário 10, Lacan (2005) demonstra um esquema simplificado, onde exclui o ramalhete de flores e coloca o “a” no gargalo do vaso. É o objeto “a” que concede valor à imagem do corpo do bebê; seu investimento proporciona ao bebê, desde o início da construção de sua existência, tomar para si sua imagem como corpo próprio, unificado no Estádio do Espelho.

Investimento, olhar e voz, a voz do Outro e alíngua, numa sintonia, unem os elementos para a criança brincar e construir seu corpo, criando uma sonoridade estranha, mas familiar, “[...] antes mesmo de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há algo nela, uma peneira que se atravessa, por onde a água da linguagem chega a deixar algo na passagem, alguns

detritos com os quais ela vai brincar, com os quais, necessariamente ela terá que lidar” (LACAN, 1998a apud REZENDE, 2017).

Ricardo Rodulfo, psicanalista argentino, aponta que “o conceito de brincar é o fio condutor que podemos tomar para não nos perdermos na complexa problemática da constituição subjetiva” (RODULFO, 1990, p.91). Para esse autor, não há nada significativo na estruturação de uma criança que não passe pelo brincar.

Tendo como perspectiva o campo dos significantes, a criança tem necessidade de extrair materiais para fabricar o corpo, materiais que devem ser arrancados do corpo do Outro. A partir do brincar, a criança “se presenteia um corpo apoiada no mito familiar, na estruturação do casal parental e na circulação do desejo” (RODULFO, 1990, p.92).

É como se o corpo materno representasse um objeto de brinquedo do bebê. Na relação mãe-bebê, o bebê, aparentemente passivo, mama e suga para fabricar o leite, estimulando as glândulas mamárias: “pode-se dizer que a criança alimenta a si própria através da mãe” (RODULFO, 1990, p.93). Posteriormente, a criança brincar com o seio da mãe, mexendo em sua boca, nariz, cabelo, roupa, botões etc., sempre em busca de significantes que lhe constituam.

Nessa relação, a mãe se comunica com seu bebê, entre a sua falação e a lalação do bebê, através de sua voz e do olhar, antecipando sua existência subjetiva que ainda não está presente, mas se constituirá exatamente porque a mãe supõe e possibilita essa antecipação. Os movimentos e balbucios do bebê são considerados como pedidos dirigidos à sua mãe que podem ser interpretados por ela. Os sons, o balbucio do bebê, representam um brincar.

Para Rodulfo, a dependência inicial entre o recém-nascido e seu cuidador não deve ser confundida com passividade, principalmente ao citar que os materiais utilizados pelo bebê para se

estruturar não são unívocos – “o mito familiar não é um sistema harmonioso e homogêneo” (RODULFO, 1990, p.93). O autor compara essa organização à da *collage* – composição feita com diferentes texturas, materiais e objetos – papel, fotografias, tecidos etc, superpostos ou colocados lado a lado para a criação de uma imagem, onde os elementos estão desunidos e a partir dos quais podem surgir diferentes criações. Os materiais utilizados pelo bebê promovem o imprevisível; não é possível saber o que ele tomará para si ou repelirá a partir desse “grande arquivo”, seu primeiro brinquedo, o corpo do Outro.

Rodulfo assinala que o bebê faz um investimento espontâneo, o que não implica na ideia de um sujeito pronto ou um Eu constituído, mas uma dimensão do imprevisível que implica uma espontaneidade presente na relação da criança com o mito familiar. Compara esse acontecimento ao processo

[...] de um jogo de quebra-cabeças introduzindo duas modificações: 1) não existe a solução final, cada qual faz o seu itinerário e sua composição para arrumar as peças do jogo; 2) não se poderia imaginá-lo, de forma adequada, como um dispositivo de figuras fixas, que permite justapor estas e apenas estas, as peças têm mobilidade singular (RODULFO, 1990, p.94).

A partir de Didier Anzieu, Rodulfo propõe que haja uma atividade extrativa na edificação do corpo no primeiro ano de vida da criança, que começa antes mesmo do movimento das mãos. Olhos e boca são órgãos de incorporação e, através deles, o bebê “começa a tarefa de arrancar o que, para não simplificar, corresponde acrescentar à pele” (ANZIEU, 1988 apud RODULFO, 1990, p.95) como superfície. Uma pele entre o limite interno e externo do corpo.

O bebê vai arrancando materiais, resíduos, pequenos objetos, extrai/fabrica superfícies contínuas, extensões, traçados sem solução de continuidade. A atividade que se deve pensar como brincar, primeiramente, é uma combinação de dois momentos: “esburacar – fazer superfície”, delimitando território e fazendo demarcações no corpo (RODULFO, 1990, p.95).

A partir da estruturação primordial do corpo, através do brincar, a primeira coisa que se constrói não é, de maneira alguma, um interior, quer dizer, um volume, mas uma película em fita contínua, a pele. A criança se autoinscreve sob a forma de uma superfície para constituir operações do tipo dentro/fora.

A oposição interno-externo não existe para esse pequeno sujeito-corpo em constituição, exatamente como a fita de Moebius ilustra, através da inflexão de curvatura do espaço, onde a oposição entre as faces externa e interna desaparecem, supondo que algo esteja sempre sendo, acontecendo, sucedendo.

A criança faz movimentos com o corpo, oferece suas mãozinhas, toca o rosto da mãe, brinca com o paninho, come e se lambuza, coloca a mão na papinha, mistura a baba com a sopa; tudo isso é brincar e matéria-prima para a construção desse corpo.

Rodulfo (1990) acrescenta ainda que, quando a criança, por exemplo, lambuza com papinha o lugar onde come, não se deve pensar que esteja efetuando uma intervenção sobre um objeto do mundo externo, mas tal ação revela que o bebê trabalha como construtor de seu próprio corpo. Ainda não aconteceu uma separação do corpo-espaço, corpo/não-corpo; nesse tempo, o espaço é o corpo, corpo e espaço coincidem sem desdobramento. Portanto, toda operação que a criança efetua sobre aquilo que o adulto considera “objeto externo” envolve a construção de seu corpo.

Antes dos seis meses de idade, o bebê já dispõe de uma montagem de superfícies feita por uma diversidade de zonas para que possa se encontrar com o Estádio do Espelho.

Também para a psicanalista Julieta Jerusalinsky, jogos de borda, jogos de superfície e de esburacamento são denominações que aparecem quando se situam os tempos correlativos aos primórdios do brincar, como jogos precursores ao *fort-da* que promovem inscrições e criações produzidas no laço mãe-bebê, como as primeiras circunscrições de um “litoral entre gozo e saber” (JERUSALINSKY, 2011, p.232).

Para a autora, o brincar é um trabalho de constituição do sujeito na infância, abrangendo os jogos precursores do *fort-da*, o próprio *fort-da*, o faz-de-conta e os jogos de regras. Essa sequência é lógica, não cronológica, pois não considera apenas a passagem do tempo em si, mas principalmente o que acontece na relação com o Outro na sua condição de dependência. Assim, esses tempos da construção do brincar ocorrem sucessivamente, mas também simultaneamente.

No início da vida, a partir da instauração de um funcionamento pulsional que inclui o Outro em seu circuito, é estabelecido um primeiro jogo sobre as zonas erógenas em torno dos buracos corporais – olhos, boca, ânus – zonas de trocas, onde o jogo simbólico de presença e ausência se introduz sobre a descontinuidade do Real.

O bebê é convocado erogenamente pelas experiências que circundam essas bordas em seu próprio corpo, assim como no corpo materno. Ele passa a buscar o olhar, excitar-se corporalmente com a voz, endereçar as vocalizações à mãe, olhar o buraco por onde a voz materna sai, sentir em sua pele o corpo da mãe, dirigir sua mão ao rosto materno, tocando nos buracos do rosto da mãe, inscrevendo as bordas primordiais do gozo do corpo.

Nesse primeiro jogo, que extrapola a satisfação das necessidades da criança, a mãe supõe um brincar por parte do bebê. Ela amamenta, e o bebê satisfeito se oferece – “fazendo-se comer e ser olhado” (LASNIK, 2004) – para que a mãe brinque de morder suas mãozinhas e pezinhos oferecidos por ele próprio. Mãe e bebê brincam juntos.

Segundo Jean Bergès (1988 apud JERUSALINSKY, 2011), o trabalho materno de bordejar o corpo do bebê que se instaura em relação à superfície e aos seus buracos também inscreve um ritmo, uma temporalidade no funcionamento corporal. Espaço e tempo estão implicados na inscrição do litoral produzido nos jogos que permeiam os cuidados da mãe com o bebê.

Num segundo tempo da instauração dos jogos precursores ao *fort-da*, o bebê se lançará num jogo para além das fronteiras de seu corpo e do corpo materno, na relação com o espaço. Desde que a mãe venha a lhe ofertar objetos substitutivos, a exemplo de um boneco, de um chocalho, para que fique entretido e possa suportar uma breve ausência, se introduz uma “presença sobre o fundo de uma ausência” (JERUSALINSKY, 2011, p.248), como a construção de uma sustentação psíquica para a futura ausência da mãe.

Esses são os objetos transicionais, fenômenos transicionais, explorados por Winnicott (1975) como substitutivos do objeto do desejo que circula entre o bebê e a mãe. Esta substituição somente ocorre se a mãe tomar a criança como transicional para ela, e não unicamente como seu objeto fálico definitivo, proporcionando um espaço entre ela e o bebê para a ocupação de objetos substitutivos.

A partir daí, é possível a criança se lançar e iniciar deslocamentos espaciais, pelo engatinhar e posteriormente através de seus primeiros passos para o caminhar. Aprecia encontrar pequenos

buracos, cantos, tirar e pôr objetos dentro de caixas, se interessando pelas relações continente/conteúdo. Também produz esse jogo com a comida, espalhando-a sobre as mãos e sobre a mesa.

Já num terceiro tempo, é possível observar dois jogos precursores diretos do *fort-da*. Um deles é quando a criança lança objetos para que o adulto os recupere e a brincadeira se repita. É imperioso que o adulto ocupe esse lugar; a recuperação do brinquedo dá suporte ao gozo da infância, oferecendo sustentação psíquica à criança que endereça um pedido e é atendido.

Outro jogo imediatamente precursor do *fort-da* é o “cadê-achou”. A mãe cobre o rosto do bebê com um paninho e pergunta “cadê o bebê?” e em seguida o reencontra num momento de muita alegria. Este jogo permite uma descontinuidade do olhar entre a mãe e o bebê e do objeto voz, que produz um ritmo interrogação-silêncio-alegria.

Aqui a descontinuidade e ausência são apresentadas pela mãe na sua presença, o que é diferente do jogo do *fort-da*, que já acontece na ausência do corpo da mãe. O que predomina aqui é a brincadeira com o outro e as palavras desse outro que fazem som e marcam a descontinuidade, e não mais o brincar por si só, com um objeto substitutivo.

Todos esses jogos constituem e marcam o sujeito-corpo da criança para que o devir do *fort-da* possa se realizar.

Prosseguindo, agora, num tempo após o *fort-da*, a criança, ainda pequena, costuma brincar de se esconder, procurando produzir falta no Outro. Ele se esconde quando a mãe ou outra pessoa surge após um tempo de ausência, tenta se manter em algum esconderijo, mas não aguenta ficar por muito tempo; rindo, surge para o outro, dando continuidade ao trabalho de se fazer interessante ao outro.

As brincadeiras com músicas e canções, a contação de histórias, também instauram tempo e espaço para a construção desse sujeito e de seu corpo; gestos e falas surgem para que a criança possa se engajar na brincadeira. Os jogos de assustar e as mágicas também assumem este papel.

Seguindo na construção do seu corpo brincante, a criança alcança o brincar de fazer de conta, “agora eu sou...e você é....”, buscando ocupar o lugar de proprietário do seu desejo.

No faz de conta, a criança pode ocupar diferentes lugares: filho, pai, mãe, aluno, professor, ser mau, bom, etc, podendo repetir seus próprios conflitos e promover um processo de elaboração na cena fantasiosa, ao tecer “uma ficção de si mesma como possibilidade de vir a ser e enquanto resposta ao seu Outro” (JERUSALINSKY, 2011, p.235).

E o amigo imaginário? Também é fonte de criação; talvez possa funcionar como um duplo diante do espelho, conceito abordado por Freud (2010) no artigo “O inquietante”, de 1919. O faz de conta permite à criança produzir novas operações diante de suas experiências, decifrar aquilo que, até então, não dava conta, construir um “saber fazer” ao viver suas inquietações durante o brincar.

Freud (1996b) situa a necessidade de a criança apoiar seus objetos e situações imaginadas em coisas palpáveis e definíveis do mundo real como a principal diferença entre brincar e devanear. Aqui, a importância não é para o brinquedo em si, mas o que pode ser criado com ele.

Após certo período, esse modo de brincar vai se modificando em parte, dando lugar aos jogos de regras nos quais a criança pode trabalhar as oposições: quem ganha e perde, certo e errado, justo e injusto, bem e mal, que remetem à necessidade de uma lei. Nesses jogos, os parceiros exigem que se jogue “a sério”, “*prá*

valer”, e assim a criança segue articulando diferentes respostas diante do Outro.

O brincar não para na infância; o corpo brincado, o corpo brincante segue em frente. Corpo construído pela linguagem, corpo construído pelo brincar. Novos jogos surgirão, novas possibilidades de respostas psíquicas se constituirão ao longo da adolescência, na fase adulta e sempre, ao longo da vida, na relação com o Outro e os outros.

REFERÊNCIAS

ANZIEU, Didier. *El you-piel*. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, 1988.

BERGÈS, Jean. O corpo e o olhar do outro. *Escritos da criança*, Porto Alegre, n. 2, p.51-65, 1988.

DOLTO, Françoise. *As etapas decisivas da infância*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

FRESLER, Alba. *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. O inquietante. *Obras completas: História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos*. v. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JERUSALINSKY, J. *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador: Ágalma, 2011.

LACAN, Jacques. *O seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, Jacques. *O seminário livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o sintoma. In: *Opção lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise (23), 6-16. (M. Almeida, trad.). São Paulo, SP: Eólia, 1998a.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. *O seminário livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAZNIK, Marie-Christine. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador – BA: Ágalma, 2004.

REZENDE, Alice Oliveira. *O vir-a-ser sujeito: questões preliminares ao estudo das graves psicopatologias da infância*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. Inédito.

RODULFO, Ricardo. *O brincar e o significante; um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1990.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro. Imago, 1975.

Luane Campos

Tomboy: uma leitura psicanalítica

*Desconfiai do mais trivial,
Na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
Não aceiteis o que é do hábito como coisa natural,
Pois em tempo de desordem sangrenta,
De confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
De humanidade desumanizada,
Nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar.*

BRECHT, Bertolt. Nada é impossível de mudar.
Antologia poética. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1982.

NOTA DE ABERTURA

O tempo anda e com ele a história vai sendo tecida; de Um a Um nos laços sociais nos constituímos como um Shibari⁶. Uso esse termo para mostrar como a amarração significativa se constitui sexualmente na história como vulnerabilidade ao campo do Outro. Assim, vai-se conformando a existência das culturas e das subjetividades. Os sujeitos vão se acoplando nesses

6 Verbo em japonês que significa amarrar ou ligar; no séc. XX, a palavra tomou o sentido de uso da corda em um contexto erótico.

nós, à sua maneira singular entre o sexo e o discurso. É disso que tratamos em psicanálise: como o sujeito se enoda através da fala e do falo na civilização. Como nos diz Brecht, nada deve parecer impossível de mudar; mas, seria possível mudar de sexo? Os artefatos médicos hormono-cirúrgicos fazem essa oferta? O que isso significa? Como a psicanálise tem abordado esta questão?

Quando recebi a proposta de Redepião para escrever sobre *Tomboy*, graças aos comentários feitos numa das reuniões, achei que seria fácil, pois é um filme lindo e tinha me tocado profundamente pela delicadeza. Não foi uma tarefa fácil, pois a temática que toca a transexualidade, a possibilidade de mudar de sexo, é uma questão que devemos ter bastante cuidado ao abordá-la, tanto teórico quanto clinicamente. Com isso, me vi rodeada de muitas possibilidades de rota de texto. Pensei em ir pelo caminho da psicanálise política freudiana e abordar textos como *Moisés e o Monoteísmo* ou *O mal-estar da civilização*, ou me estender sobre a asserção lacaniana de que o inconsciente é a política, podendo articular técnica, ética, ato e discurso, para pensar a despatologização da transexualidade, assim como ocorreu com a homossexualidade. Queria falar da marginalidade em que esses sujeitos vivem, ou sobre a dificuldade de aceitação do campo do social quanto a tudo que se apresenta como diferença; ou ainda, pensar nos efeitos sintomáticos de sofrimentos que a cultura provoca.

No meu desejo de panfletar a favor dos transexuais, dos intersexos, das travestis, dos homossexuais, contra a heteronormatividade, me perdi; algo me impulsionou a querer falar mais do que devia. Corpo, sexualidade, identificação, semblante, discurso médico e legal, era tanta coisa para falar que não ia dar conta; por isso, revolvi fazer uma leitura do filme, pensando em seus aspectos pelo viés da psicanálise. Abordar suas falas, seu enredo, sua narrativa, escutar e comentar os significantes que ouvi ali, assim

como fazemos na clínica. Assisti uma, duas, três vezes e só na terceira vez percebi que o filme aborda, com enorme compostura, aspectos muito sutis da subjetividade, mais do que propriamente a temática da transexualidade e a mudança de sexo. Portanto, gostaria de trazer para discussão com vocês as sutilezas e reflexões que a personagem Laure me promoveu.

UMA LEITURA DE TOMBOY

O filme de Céline Sciamma, *Tomboy*⁷, relata a história de uma garota de 10 anos que tem maneiras de vestir, corte de cabelo e comportamentos geralmente relacionados ao gênero masculino. Até certo momento do filme seu nome não é revelado, e fica a questão ambígua: é menino ou menina?

Esta questão é uma das mais recorrentes nos atributos da existência dos sujeitos. Na verdade, ela habita, muitas vezes, o inconsciente de cada um dos membros do casal parental, antes mesmo da própria gestação – “eu sempre sonhei em ter uma menina”, “desde pequeno queria um filho para jogar bola e levá-lo ao futebol”, entre outras frases ditas ou pensadas. O imaginário sobre um filho é prévio ao nascimento, o sujeito já existe mesmo antes de nascer. Esse é um dos pontos importantes para entendermos porque a história de cada um se desenvolve como Shibari, como uma ligação sexual significativa entre as gerações.

7 A palavra *tomboy* é verbete do *Webster's new world dictionary of the american language* (New York, 1958), aplicado a “menina que se comporta como um menino turbulento”. Atualmente, o nome indica uma garota que tem características e comportamentos considerados típicos de um menino, o que inclui usar roupas masculinas, gostar de jogos e atividades que, em muitas culturas, são considerados pouco femininos e de preferência dos garotos (N. da A.).

Para entendermos a disposição psíquica inconsciente própria da subjetividade humana, é preciso lembrar do que Lacan nos diz em *Joyce, o sintoma*, quando fala que o homem tem Um, não é Um (corpo). Desde Freud, a sexualidade, a masculinidade e a feminilidade transcendem as questões anatômicas e biológicas; o sexo está para além do determinismo orgânico no que diz respeito ao gênero e identidade sexual, a partir da necessidade de se fazer uma escolha sexual e situar-se nos campos de gozo da sexuação.

Gerbase, em *Atos de fala*, nos diz:

Para Lacan, não existe segundo sexo, a partir do momento que entra em funcionamento a linguagem. O que é chamado de heterossexualidade, *heteros*, outro, está na posição de se esvaziar como ser para a relação sexual. Esse vazio oferecido à fala é o que se chama de lugar do Outro, lugar em que se inscrevem os efeitos da fala (GERBASE, 2015, p.33).

Laure é o nome da protagonista. Ela acabou de se mudar com sua família – seus pais e sua irmã mais nova, Jeanne, de seis anos – devido a uma transferência de trabalho do seu pai. Nos primeiros diálogos, dá-se a entender que não era a primeira vez que se mudavam e pareciam ficar pouco tempo nos locais, mas o pai diz desta vez: “Prometo que vamos ficar aqui por muito tempo”. Sua mãe está grávida e não pode trabalhar, pois há risco de perder o bebê, que será um menino. Os pais dão a Laure total liberdade para ser do jeito que deseja; a mãe diz “Pintei o quarto de azul, como você queria”; seu corte de cabelo é tipicamente masculino, e a mãe também tem o cabelo curto, mas de corte feminino. As roupas de Laure são bermudas folgadas, camisetas e tênis; pela sua imagem aparente, difícil dizer a que gênero pertence.

A primeira cena do filme revela a forte ligação de Laure com seu pai, homem bastante afetuoso. Nesta cena, o pai proporciona a Laure aventuras como andar no capô do carro e ensiná-la a dirigir. Durante todo o filme, nas falas entre Laure e o pai, desenham-se alguns traços de identificação entre eles. Ela gosta de pôquer e joga bem, o que é destacado na fala do pai, chupa dedo quando está tensa como ele, quando pequeno. O pai oferece suporte na constituição da subjetividade de Laure, transgressora das normas sociais de gênero.

Outra relação amorosa importante no filme é a de Laure com sua irmã, Jeanne. Se Laure se situa do lado masculino das normas sociais de gênero, Jeanne é feminina ao extremo: sempre de “tutu” de balé, gosta de cantar, seu quarto é rosa e ela tem veneração pela irmã. Quando Jeanne descobre a mentira que Laure cria para seus novos amigos pensa em contar para a mãe mas, em troca de ser levada para brincar, entra no jogo da mentira. As falas que Jeanne coloca sobre Michael, nome fictício de Laure, são motivo de orgulho do “irmão mais velho que a defende”. Jeanne aceita com muito mais leveza a disjunção entre as demandas sociais de identidade de gênero e a performance do sujeito no seu desejo.

Podemos perceber, entretanto, que a mãe é a que menos incentiva a masculinidade de Laure, comentando que a filha fica muito bonita maquiada e dizendo que não se importa de ela “brincar” de ser menino. Num diálogo entre Laure e Jeanne, fica claro que a mãe não gosta que Laure corte muito o cabelo.

A noção de corpo em psicanálise deve ser pensada de maneira distinta do corpo biológico, pois só há corpo a partir de conceitos como inconsciente, sexualidade e pulsão. O corpo na topologia lacaniana aparece como imagem no Imaginário, corpo marcado pelo significante no Simbólico e corpo articulado ao gozo no Real. O corpo é uma substância, substância gozante e, porque é gozo, é

sexual. Gerbase nos lembra que, para o humano, devido à linguagem, tudo se configura diferente do natural, pois para o homem:

O sexo é um dizer. A ideia, a palavra, a fala mudam um corpo. O sexo não define uma relação. Vem daí a fórmula “não há relação sexual”. Por causa do significante, a relação sexual é bem representada pelo conjunto vazio ($\emptyset$) [...] Nenhum outro corpo tem a propriedade de redesignar seu sexo (GERBASE, 2015, p.34).

No sistema topológico de Lacan é preciso dar corpo à fala, pois é esta quem faz a coisa (*fait la chose*), ou fende a coisa (*fêlache*). E, se tomarmos o inconsciente como equívoco, podemos entender o que se configura aqui.

O que acontece no filme é o grande exemplo de equívoco. Laure vê um grupo de meninos brincando e decide conhecer os novos vizinhos; ao chegar no pátio do condomínio, eles já saíram e ela se encontra com Lisa, uma menina que mora no outro bloco. Devido à sua aparência, Lisa a confunde com um menino e Laure não desmente o equívoco, apresentando-se como Michael. É Lisa quem introduz Michael no campo das amizades, é uma peça chave para a construção dos laços sociais de Laure. Elas vão juntas observar os meninos jogando bola; pode-se notar a atenção de Laure nos meninos, mas não como escolha objetual, e sim no campo das identificações. Observa seus gestos, vestimentas, como cospem no chão, e depois em casa faz toda a encenação desses atos. Sua relação com o espelho é perceber se há em si características masculinas. Lisa já tem seios, Laure não. Posteriormente, ela experimenta fazer-se de homem, joga bola com os meninos, chega inclusive a tirar a camisa e, como previsto pela nova amiga, os meninos aceitam melhor os meninos jogando bola, já as meninas são severamente criticadas quando não

jogam bem. Isso não acontece com Laure, pois ali ela é Michael e, como menino, há uma maior aceitação de sua inserção no jogo.

Lacan no Seminário 18, *De um discurso que não fosse semblante*, formaliza que todo discurso é um semblante. O semblante funciona como agente do discurso, é um efeito, seja na imagem ou no significante, para dar conta da não-relação sexual, premissa frequentemente repetida e nem sempre muito compreendida da disjunção entre o que chamamos inapropriadamente de homem e mulher no campo do gozo. Para Lacan, desde Freud o caráter oculto da sexualidade se aloja no discurso. Entretanto, muitas vezes a sexualidade foi tomada por outros campos, como a biologia e a medicina, nos aspectos orgânicos e genéticos, entendendo a diferenciação dos sexos pelos cromossomos XX ou XY. Para a psicanálise, contudo, o que é preciso levar em conta para definir as posições de gozo é a relação do homem com a mulher e o contrário. Desde a significação do falo, já se apontava para a inscrição do significante fálico que, além de se circunscrever em torno de um ser e um ter, diz respeito a um parecer. Com a linguagem, não há mais instinto, não há mais corpo biológico e sim corpo pulsional; portanto, os artefatos que indicam macho e fêmea se realizam devido às manifestações típicas ou idealizadas de cada sexo a partir do significante. Então, como diria Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Igualmente, pode-se tomar essa máxima na direção do outro do sexo, ao afirmar-se que não se nasce homem, torna-se homem.

De acordo com Gerbase, a teoria de gênero proposta por Butler vincula a posição sexuada no que tange aos atos de fala em torno da anatomia. O significante é material que condiciona um corpo; gênero é, portanto, ato de fala. E ato de fala é performativo, faz performance, pois dizer é fazer, e assim o sujeito faz-se ser visto, ouvido naquilo que ele quer parecer.

Butler, no seu conceito de gênero, nos mostra o caráter social do que parece ser naturalizado como corpo, sexo e diferenças entre machos e fêmeas. Azul de menino, rosa de menina, futebol de menino, boneca de menina, todos esses artefatos são construções discursivas no campo social. No seu livro *Feminismo e subversão de identidade*, ela abre a questão para entender se o sexo é dado ou construído socialmente. A filósofa da teoria *queer* entende que o corpo é historicizado nas mais diversas práticas, tentando quebrar a dicotomia entre sexo e gênero. Para ela, existe uma “ordem compulsória” social que exige uma coerência entre sexo, gênero, desejo e prática.

No avesso do binarismo de gênero e da heteronormatividade, esta autora nos apresenta a performatividade como construção do corpo, assim como pensa Gerbase quando aproxima os atos de fala de Austin para a construção de gênero. Gênero é um ato, um gesto performativo pinçado do discurso e produz significados, mesmo que pela subversão de uma ordem social estabelecida. Butler também entende que essa subversão tem consequências, geralmente de exclusão e sofrimento.

Estão aí as relações de enodamentos discursivos nos laços sociais: o DSM5 nos apresenta a posição do transexual como patológica a partir do termo disforia de gênero, supondo que o sujeito deva adequar seu corpo à sua sexualidade, como se a aparência pudesse dar alguma espécie de ordem à sexualidade.

Lacan, ainda no Seminário 18, nos diz que a aparência pertencente ao campo sexual se relaciona com a exibição no reino animal, geralmente sendo o macho o agente da exibição, e a fêmea alvo desse mostrar-se; só há cópula porque há exibição. A exibição continua presente no humano, constituindo um certo semblante animal, porém com o homem ela está vinculada ao discurso, posto que é ele que determinará as posições sexuadas.

A identificação sexual não consiste em alguém se acreditar homem e mulher, mas em levar em conta que existem mulheres para o menino, e existem homens, para a menina. E o importante nem é tanto o que eles experimentam, o que é a situação real, permitam-me dizer. É que, para os homens, a menina é o falo, e é isso que os castra. Para as mulheres, o menino é a mesma coisa, o falo, e ele é também o que as castra, porque elas só adquirem um pênis, e isso é falho. No começo, nem o menino nem a menina correm riscos, a não ser pelos dramas que desencadeiam; por um momento, eles são o falo (LACAN, 1971/2009, p.33).

Entretanto a função essencial do semblante fálico é dissimular o vazio, o que não há relação entre os gozos; as relações são sempre sintomáticas. Lisa tem um papel fundamental no enredo: para ela foi feita a mentira que dá origem a toda a trama do filme; ela serve como ponte para a aceitação do novo membro no grupo.

[...] o que é a sexuação, isto é, o modo pelo qual um indivíduo, cuja identidade sexual está firmemente estabelecida, pode organizar sua subjetividade numa relação com o Falo que privilegia seu gozo ou o masculino ou o feminino [...] como o Falo, se é indispensável tanto para o homem quanto à mulher para se reconhecerem sexualmente, não é um elemento que vem assegurar a ligação entre um e outro. Ao contrário, ele é também o que os separa radicalmente ao torná-los incomensuráveis um em relação ao outro (FRIGNET, 2002, p.103-104).

Frignet ainda acrescenta que é só pela sujeição à linguagem que se introduz a distinção essencial entre identidade sexual e posição sexuada. São noções próximas, devido ao fato de nelas estar envolvido o Falo simbólico, mas divergem pela modalidade de sua implicação. Para ele,

A separação do objeto *a* da totalidade primitiva, na qual o *infans* está incluído em seu nascimento, funda a dimensão do sujeito propriamente dito, mas também permite a instalação da realidade, que é ela mesma a trama sobre a qual se estende o desejo. Para que um ser falante que não é mais posto em ação pelas meras faltas da necessidade e das demandas, mas que tem acesso a essa outra dimensão constituída pelo desejo, é preciso, pois, que tenha ocorrido a perda inaugural do objeto, aquele que apresentava, no real e no imaginário, e representava, no simbólico, a relação fusional com o corpo materno (FRIGNET, 2002, p.106).

Após a perda do objeto, dá-se a inscrição do Nome-do-Pai, operação indispensável para pensar a inscrição não só imaginária, mas igualmente o real de seu corpo e nodulá-los pelo simbólico. É a partir dessa nodulação que se estabelece a identidade sexual. Portanto, a própria relação dos pais com o significante fálico é transmitida para as crianças na construção da identidade sexual e da sua posição de gozo.

Uma outra cena importante no filme é quando Lisa convida Michael para ir à casa dela; ali poderíamos dizer que é o momento do encontro, o momento em que uma e outra se exibem, “rola um clima” e a escolha de objeto se apresenta. Lisa brinca de maquiar Michael, de fazê-lo de menina. Quem seria o homem, Lisa ou Michael? Apesar das características performativas, é Lisa quem se exhibe, e faz de Michael seu objeto causa? É mesmo o gênero que nos aponta para o real do gozo?

Abre-se aqui uma questão apresentada por Dunker ao falar de transexualidade. Seria a experiência identitária igual às modalidades de gozo? Para ele, a teoria da sexualização nos revela três dimensões distintas: a identidade sexual, a economia de gozo e a orientação sexual. Seria Laure uma transexual? Isso ainda não

está posto, só após o encontro com o sexo é que se estabelece definitivamente essa decisão. Será que, diante da possibilidade de fazer a performance “ser homem” e ter sua escolha objetal homossexual, precisaria ela adequar seu corpo ao outro sexo? Não me parece o caso. “Na dimensão do equívoco, há um termo que se escreve e há um termo que não se escreve. Ao termo que se escreve denominamos Todo, ao que não se escreve Não-Todo” (GERBASE, 2015, p.81).

A proposta de dar outros nomes à fórmula da sexuação, segundo Gerbase, talvez fosse de fato mais adequada, Todo e Não-Todo, ou o mesmo e o outro. Esses novos nomes abririam a possibilidade de entender que entre gozo e processos naturais há uma disjunção. O gozo é correlativo da forma da entrada do que chamamos marca ou traço unário, marca para a morte, pois nada toma sentido até que a morte entre no jogo. O sujeito é dividido, clivado entre o gozo e o corpo mortificado a partir do traço, é o paradoxo da corporeidade. Na entrada da linguagem o “sentido mortífero” do significante barra por intenção primeira o sujeito, faz penetrar nele o sentido da morte, de ser no desejo do Outro, esse real impossível que não cessa de não se inscrever. Porém, há outro efeito, que é a produção de um mais-gozar. Portanto, o significante aponta para a incidência do gozo sobre o corpo, produzindo o sintoma. Assim, podemos entender que a corporeidade revela o que é incerto na experiência da existência já que, mediante a subjetividade, indica sua falha. Na clínica, é o equívoco que consiste em colocar o significante em primeiro plano, apagando o corpo e a pulsão, como se fosse possível operar sobre o campo de pura representação. O analista nada tem a ver com o corpo biológico, mas foca no corpo pelas palavras, sobre o inconsciente e a história, pois é ali que se podem obter seus efeitos.

Podemos ver no caso de Laure como é complexa a constituição subjetiva quando se põe em tela o determinismo biológico nas escolhas objetais na infância. A protagonista vê no espelho algo que a incomoda, algo que falta, produzindo assim seu próprio pênis de massinha de modelar. Poderíamos articular aí o que Freud, em seus “Três ensaios”, nos revela sobre o complexo de castração e inveja do pênis. E, por conseguinte, entendermos que, quando se trata de subjetividade, nada é rígido em relação à sexualidade, devido à parcialidade das pulsões, cujo objetivo totalizante jamais pode ser alcançado. É isso o desejo, a incessante busca do objeto para sempre perdido.

Quando a mentira de Laure é descoberta, a mãe a faz revelar para todos, mas também a adverte da realidade que ela terá de enfrentar, a escola e os amigos, e diz que, apesar de ela “brincar de ser menino”, carrega um nome e corpo de menina, assim o social vai vê-la, mas, se ela quiser, pode fazer a performance que desejar. Tanto a fala da mãe quanto a aceitação de Lisa mostram ao final do filme que o destino de Laure não é necessariamente a transexualidade, mas pode ser a homossexualidade, por exemplo. É na relação com os outros que ela vai encontrar um lugar no social, assim como vai definir sua relação com seu corpo.

De acordo com Frignet, em seu livro *O transexualismo*, “o drama do transexual – seu erro, como dizia Lacan, é confundir o órgão com o significante ou, em outras palavras, confundir o pênis real com o falo simbólico”. A realidade psíquica desde Freud abarca algo da bissexualidade, nessa investigação sobre o que é ser menino e o que é ser menina: é a disposição perverso-polimorfa que nos revela a multiplicidade dos destinos da pulsão. Mas o que se articula aqui está entre as funções do discurso e do suporte corporal, que não é a significação do discurso, e que não pode ser dito, como Lacan assinala no seminário 19, ...ou pior:

Tudo que é dito é semblante. Tudo que é dito é verdade. Ainda por cima, tudo que se diz faz gozar. E, como reescrevi hoje no quadro, *que se diga como fato, fica esquecido por trás do que é dito*.

O que é dito não está noutro lugar senão no que se ouve. É isso a fala. O dizer é outra coisa, é outro plano, é o discurso. É aquilo que é feito de relações, e que mantém todos vocês juntos, com pessoas que não são forçosamente as que estão aqui. É isso que se chama de relação, *religio*, de engate [*accrochage*] social. Isso se passa no nível de um certo número de capturas que não se dão por acaso, que exigem, executadas pouquíssimas errâncias, essa ordem certa na articulação significativa (LACAN, 1971-1972/2012, p.221).

Pensar sobre o filme *Tomboy* abriu-me a possibilidade de entender que as amarrações do campo social configuram as subjetividades e este Shibari está em constante mudança, essa vulnerabilidade voluntária da sexualidade é constituída no campo do Outro, lugar da linguagem, e não no artefato orgânico, simplesmente.

NOTA DE ENCERRAMENTO

Retomo o poema de Brecht para lembrar a vocês que devemos sempre desconfiar do que é mais habitual, para pontuar que o tempo nos conduz a uma incessante reinvenção: “Nada é impossível de mudar”. Se Lacan tomasse Freud na sua letra e mantivesse o rigor das palavras de seu mestre, não estaríamos pensando o gozo como nos propomos hoje. Se Freud não tivesse questionado a sexualidade, será que a homossexualidade ainda seria patologia ou crime? Enquanto analistas, devemos estar disponíveis às novas amarrações que surgem nos discursos sociais, às possíveis

dissoluções de formação sintomáticas e às novas configurações que elas apresentam. As históricas não são as mesmas do tempo de Charcot, o mundo não é mais vitoriano; precisamos avançar, o tempo não deixa de nos conduzir. Suponho que é o discurso do analista, tomando o inconsciente como a política, que pode abrir novos caminhos. Não devemos nos fechar aos discursos que se apresentam, eles estão aí, é preciso ouvi-los, mas também é preciso questioná-los.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Seu comportamento cria seu gênero. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9MIqEoCFtPM>> Acesso em: 20 de ago. 2016.

DUNKER, C. Como a psicanálise vê a transexualidade? *Falando Nisso* 41. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oN3eXkJIYac>> Acesso em: 23 ago. 2016.

GERBASE, J. *Atos de fala*. Salvador: Associação Científica do Campo Psicanalítico, 2015.

FRIGNET, H. *O transexualismo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

LACAN, J. *O Seminário, livro 19: ...ou pior* (1971-1972). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Versão brasileira de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. *Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante* (1971). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

TIBURI, M. Judith Butler: feminismo como provocação; gênero não é um problema do campo da sexualidade. Rio de Janeiro: *Revista Cult* 185. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/01/judith-butler-feminismo-como-provocacao/>> Acesso em 20 ago. 2016.

Tomboy. Filme de 2011. Lançado no Brasil em 2012. Roteiro e Direção de Céline Sciamma. FR.

A análise demonstrou como a criança continua a viver, quase inalterada, no doente, bem como naquele que sonha e no artista; lançou luz sobre as forças motivadoras e tendências que estampam seu selo característico sobre a natureza infantil e traçou os estádios através dos quais a criança chega à maturidade.

Sigmund Freud. Prefácio a *Juventude desorientada*, de Aichhorn (1925).

In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976, v. XIX, p.341.



SUJEITO E ESTRUTURA

Fátima Pereira⁸

O autista está no real ou habita o campo da linguagem?⁹

A partir do momento em que a clínica do real se tornou pauta quase obrigatória nos mais diversos espaços psicanalíticos de orientação lacaniana, tem sido comum encontramos o autismo circunscrito exclusivamente ao Real, tal como observam, oportunamente, Angela Vorcaro e Ariana Lucero, num artigo que servirá como referência básica para esta exposição: “Entre Real, Simbólico e Imaginário: leituras do autismo”¹⁰.

Para que tal discussão possa ocorrer, será preciso que façamos um levantamento mais cuidadoso acerca do modo como os psicanalistas têm pensado a relação do autista com o Outro.

Na bibliografia sobre o assunto, os anos 1980 foram marcados pelas pesquisas notáveis realizadas por Rosine e Robert

8 Maria de Fátima Alves Pereira é psicanalista, formada em Filosofia pela USP, Mestre em Ciências Sociais pela UFBA, Membro da Associação Científica Campo Psicanalítico em Salvador, Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-Brasil.

9 Texto originalmente publicado em: SILVA, José Antonio Pereira da (Org.). *O real na clínica psicanalítica*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2018, p.15-25.

10 VORCARO, A.; LUCERO, A. Entre real, simbólico e imaginário: leituras do autismo. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v.28, n.61, p.147-157, abr./jun. 2010.

Lefort¹¹, quando se interrogaram sobre a dimensão em que o autista opera, ficando inclusive clássica a definição trazida por eles sobre o assunto: para o sujeito autista, “o Outro não existe”.

Cremos que essa tese, tão difundida entre nós, precisa ser retomada para que possa ser mais bem dimensionada com os avanços teóricos que se fizeram acerca da articulação dos três registros, Imaginário, Simbólico e Real, e sua interdependência na composição da realidade psíquica.

A hipótese que tentamos demonstrar, através de referências mais recentes, versa sobre a presença, mesmo que desenodada e precária, dos três registros da realidade psíquica (R/S/I) no autismo. Acrescentamos a essa hipótese o fato de que só é possível falar em Real pela via do nó. O Imaginário e o Simbólico estariam aí para fazer o Real dizer.

A primeira das afirmações que fala a favor dessa hipótese vem do próprio Lacan: “se uma criança que tapa os ouvidos, nos disserem, ao quê? A algo que está sendo dito, não está já no pós-verbal, já que do verbo ela se protege?”¹². Neste gesto, a criança já está numa posição de defesa contra a linguagem, embora estando nela pois, de fato, dela se defende.

Já na “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, Lacan¹³, dialogando com o Dr. Cramer, assinala que o autista é um sujeito verboso:

11 LEFORT, Rosine; LEFORT, Robert. *Nascimento do outro*. Salvador: Fator, 1984.

12 LACAN, Jacques. Intervenção no encerramento da Jornada de Cartéis na Escola Freudiana de Paris [1975]. *Documentos para uma Escola*. Rio de Janeiro, 1992, Publicação Interna da Escola da Letra Freudiana, v3, n. 7, p.67-82.

13 LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o sintoma [1975]. *Opção lacaniana*, São Paulo, n. 23, p.6-16, 1996. p.13.

[Os autistas] não conseguem escutar o que o Senhor tem para dizer-lhes enquanto se ocupa deles. [...] O Senhor, porém, não pode dizer que eles não falam. Que o senhor tenha dificuldades para escutá-los, para dar seu entendimento ao que dizem, não impede que sejam, finalmente, personagens bastante verbosos.

Ou ainda, nos *Escritos técnicos de Freud*¹⁴, Lacan alerta para não confundir a linguagem e a fala. Citando o caso Dick, diz que essa criança não fala, mas é mestra da linguagem, tendo sobre ela o controle por meio de sua recusa em arriscar a fala.

É a linguagem deles como algo fechado que faz com que nós não os escutemos.

Gerbase comenta em suas aulas essa questão, dizendo que o autista não sabe lidar com o significante diante do objeto voz. Assim, o que perturba a comunicação do sujeito autista de fazer laço social é um tipo de foraclusão do objeto voz, pois a voz não é a sonoridade da palavra, mas aquilo que carrega a presença de um sujeito em seu dizer.

Se formos nos remeter ao Lacan do *Seminário livro 11*¹⁵, vemos que ele já havia desenvolvido aí as duas operações constituintes do sujeito e a sua dependência significante do lugar do Outro. A operação fundante do sujeito é a alienação ao campo do Outro, e a identificação é a forma privilegiada de sua efetuação.

É a identificação primária, o processo fundante da estrutura, o tempo de inscrição da marca constitutiva do sujeito. Aquilo que se incorpora não é matéria, mas algo que dá estrutura e se sustenta como incorpóreo. O que o bebê captura não é o

14 LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud [1953-1954]*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

15 LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

sentido do que é dito, mas a dimensão incorpórea da voz, que não é som. A voz é o primeiro objeto vazio da pulsão. Ela não tem compromisso com o sentido, mas com o dizer. O problema crucial do autista não está propriamente no falar, mas no dizer. Há nele um gozo vocal que não pôde ser tomado na dimensão significativa. O autista pode falar, contanto que não diga. No efeito da incorporação, institui-se um lugar vazio. Esse vazio será estrutural e estruturante do sujeito, tal como ensina Lacan no *Seminário livro 10*¹⁶. Essa incorporação da voz do Outro só pode ocorrer com o consentimento da criança. Cabe a ela conceder o primeiro “sim” à operação de alienação. A fala não é, portanto, um processo natural. Ela implica uma escolha do sujeito, não dependendo de adestramento, mas sendo o resultado esperado da estruturação do funcionamento psíquico.

No autismo há, provavelmente, um comprometimento dessa identificação primária, pelo viés de uma recusa de voz. A incorporação de um lugar vazio não ocorre, pois falta a marca da incorporação da falta. No autismo, a voz não se constitui como primeiro objeto da pulsão. Por isso há algo no autismo que não cessa de não se inscrever¹⁷. No princípio do autismo, está a dissociação entre a voz e a linguagem.

Soler, abordando a questão da alienação/separação a partir do *Seminário livro 11*, situa o autismo “num aquém da alienação”, uma recusa de entrar nela, um “deter-se na borda”¹⁸. Para ela, o autista não entra por conta própria na alienação significativa. São

16 LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

17 CATÃO, Inês. *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

18 SOLER, Colette. *O inconsciente a céu aberto na psicose* [1997]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p.72.

capturados nela apenas no nível da fala e dos significantes do Outro. Essas crianças, como sujeitos, permanecem como puros significados do Outro S(A). As crianças autistas são sujeitos, mas não enunciadores¹⁹. Sua postura em relação ao Outro consiste em

[...] frear a dialética da fala e se mexer na relação com uma ou duas demandas absolutamente estereotipadas, repetitivas, sem enunciação. Tudo que se mexe do lado do Outro, tudo que se mostra instável, imprevisível, tem impacto direto sobre eles. No fundo, sua própria estabilidade depende de que o Outro não se mexa.²⁰

Analisemos, agora, o funcionamento do autismo no que concerne ao campo do Imaginário. Aqui a hipótese é a de que o autista sofre os efeitos do campo da linguagem numa relação privilegiadamente imaginária. Isso porque alguns elementos do meio (*Umwelt*) são absorvidos por ele, fazendo desse *Umwelt* uma espécie de seu duplo.

Lembremos que os organismos que subsistem apenas no Real parece que se servem para sua sobrevivência de uma relação imaginária. Algo do meio, do *Umwelt*, é propício à sua presença. Esse *Umwelt* funciona como uma espécie de duplo do organismo. Diferentemente do organismo, o ser falante subsiste com a ordem simbólica. Mas a ordem simbólica não é apenas uma lei, diz Lacan, é também uma acumulação numerada. É uma ordenação. Por isso, qualquer evocação da falta supõe instituída a ordem simbólica. Para que falte alguma coisa, é preciso

19 SOLER, C. *O inconsciente a céu aberto na psicose*, op. cit., p.72.

20 Id., *ibid.*

que haja uma contagem, efeitos da contagem (S) na ordem da imagem (I)²¹.

Assim, no autismo, o *Umwelt* lhe confere uma ordenação mínima, que nesse caso é unívoca, no máximo binária, não ultrapassando essa contagem, pois há uma resistência à ordenação. Sem estabelecer uma contagem, sem armar suficientemente o registro simbólico, o autista não pode se servir da função imaginária para potencializar o simbólico pois, como Lacan afirma, o registro do simbólico deve encontrar seu suporte no imaginário.

Dessa forma, pelo fato de não haver constituído a ordenação simbólica no autista, a consistência desse imaginário se reduz somente a duas possibilidades: a de ser assimilado como duplo, ou ser assimilado como algo que possa desintegrá-lo²².

É preciso aqui ressaltar que “toda organização defensiva do autista seria um trabalho para fazer frente ao Outro”²³. Interessante notar que a própria fala perde, para ele, seu valor de comunicação, revelando a estrutura do gozo. É na fala que o autista se confronta com o gozo mortífero, gozo em excesso; isto porque, para ele, a fala serve para gozar e não para dizer. A fala para o autista se define, nesse caso, por ser “uma imaginarização da ameaça de desintegração”²⁴.

Para Vorcaro e Lucero, o simbólico, em sua redução a elementos soltos, sem ordenação e encadeamento, só pode vigorar como imaginário. A biunivocidade que vemos em certos movimentos do autista, como abrir e fechar, o ir e vir, essa “batida em

21 VORCARO, A.; LUCERO, A. *Entre real, simbólico e imaginário: leituras do autismo*, op. cit.

22 Id., *ibid.*, p.151.

23 DI CIACCIA, Antonio. A prática entre vários. In: ALTOÉ, Sonia; LIMA, Márcia Melo (Org.). *Psicanálise, clínica e instituição*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005. p.34-54.

24 Id., *ibid.*, p.34-35.

dois tempos, de forma automática,"²⁵ longe de reproduzir uma estrutura simbólica mínima, apenas relança a mesma função imaginária em que o *Umwelt* é o duplo do organismo.

Para ele, é insuportável constatar que há falta porque, havendo falta, só lhe resta preenchê-la. Quando um outro fala ao autista, esse outro demonstra a falha no simbólico, pois aí uma demanda se esboça. "Esse real da linguagem é imaginarizado por ele como risco de sua própria absorção"²⁶.

Assim, só lhe interessa um Outro consistente, o que só pode ocorrer quando o Outro se reduz a um objeto com função de signo. Há uma colagem biunívoca ao signo. E isso faz com que o autista reconheça, em qualquer pressentimento de falta, o lugar de sua captura. Ele vigia, todo o tempo, esse risco de ser sugado. Para ele, o Outro sempre pode invadi-lo com um gozo atroz.

Há Outro no autismo – mas é preciso saber de que Outro se trata²⁷. Para tal, precisaremos identificar melhor as consequências das dimensões do Real/ Simbólico/Imaginário para esses sujeitos.

Soler, em *O inconsciente a céu aberto na psicose*²⁸, reúne quatro traços característicos do autismo em relação ao Outro:

- 1) Crianças que são como perseguidas pelos signos da presença do Outro, particularmente por dois objetos: o olhar e a voz. A recusa da voz do Outro é precoce e tem particular importância, uma vez que a voz é o primeiro objeto pulsional a se constituir como tal. A recusa é

25 VORCARO, A.; LUCERO, A. *Entre real, simbólico e imaginário: leituras do autismo*, op. cit., p.153.

26 Id., *ibid.*, p.151.

27 ZULIANI, E. Autisme, automatisme mental et traitement de l'être (apud VORCARO, A.; LUCERO, A. *Entre real, simbólico e imaginário: leituras do autismo*, op. cit.).

28 SOLER, C. *O inconsciente a céu aberto na psicose*, op. cit., p.69-70.

vista aqui como signo, mesmo que restrito, da presença dos registros Simbólico e Imaginário.

2) O segundo traço característico é o oposto de uma anulação do Outro. Soler conta o caso de uma analista que observou, justamente, a propósito de uma criança, que a primeira vez em que viu que ela estava olhando foi num momento em que, por enfado, a analista estava completamente longe. Tinha-se ausentado tanto, anulando de tal maneira os sinais de sua presença que, ao sair de sua distração, pela primeira vez percebeu que a criança a olhava. Este traço complementa o primeiro traço citado, uma vez que provém da evitação, da recusa, da anulação dos signos da presença do Outro.

3) O terceiro traço seria a recusa da intimação do Outro, recusa do que o Outro pode intimar com sua fala. Recusa a ser chamado pelo Outro. Essa recusa de intimação do Outro se correlaciona com o que todo mundo percebe: são crianças que não chamam, nos diz Soler. A ausência da dimensão do apelo é o par e complemento da recusa a ser chamado pelo Outro. Essas crianças não entram na demanda.

4) Soler ainda destaca um quarto e último tipo de fenômeno: os problemas de separação no sentido concreto do termo; essas crianças não conseguem se separar da mãe ou do terapeuta. Soler esclarece que a criança não consegue separar-se do Outro porque o Outro não é um objeto compensador de sua falta e, sim, uma parte dela. Ao separar-se dele, seu corpo cai, inerte. É como se o corpo desabasse, privado de sua própria energia. Se a separação da mãe é tão catastrófica é porque a criança, com a separação, perde uma máquina-libido que a sustenta. O autista sustenta ativamente sua exclusão, sua não implicação, mantendo-se à distância para não ser encadeado pelo fio, para ele mortal, do jogo do significante como tal.

Como vemos, há modalidades específicas no autismo de afetação pela linguagem, mesmo que a linguagem não contemple sua função plena, como dizem Vorcaro e Lucero²⁹. É preciso que se conceba ali um ser de linguagem, mesmo porque, antes que haja um ser dotado de língua, já está ali um ser de linguagem. A linguagem fala, mesmo sem língua. Há fala antes que a estrutura da língua se dê. Na criança autista, é preciso que um Outro veja a linguagem independentemente da fala. Que se disponha a escutar³⁰. Pois, como pontua Lacan, o discurso é capaz de constituir-se sem palavras³¹, o que requer que se leve em conta um certo efeito autônomo da linguagem. Certos atos, condutas e manifestações do sujeito dependem de dizeres essenciais, sem que as palavras sejam necessárias.

Defendemos a hipótese de que o autista, mesmo não sabendo lidar com o significante de forma incorporada, habita o campo da linguagem pois, para o falasser, nada há de mais arcaico do que o campo da linguagem. Gerbase insiste em que nada no corpo vai sem a linguagem. Diz ele que nada ganhamos ao fazer diferença entre sujeito e falasser, em tratar o antes do sujeito como algo concernente ao ser vivo, fazendo equivaler o real da psicanálise ao real da biologia...

Contudo, parece excessivo, prosseguem Vorcaro & Lucero, afirmar que o autista está no Real, desprovido de Simbólico e de Imaginário, quando o que, em verdade, constatamos é

29 VORCARO, A.; LUCERO, A. *Entre real, simbólico e imaginário: leituras do autismo*, op. cit., p.155.

30 PARLATO-OLIVEIRA, Erika. Entre muros: linguagem e língua na clínica do autismo. In: JERUSALINSKI, Alfredo (Org.). *Dossiê autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2015, p.144-152.

31 FERREIRA, Severina Sílvia. Efeitos do discurso contemporâneo no autismo. In: JERUSALINSKI, A. *Dossiê autismo* op. cit., p.156-167.

que ele causa ao clínico, ao psicanalista, a angústia do encontro com o Real. É preciso, por isso, analisar a questão também pelo ângulo do Outro.

Essa angústia do clínico provém, justamente, do fato de que abordamos os autistas sem testemunhar a presença de um agente que fala. Sendo assim, ficamos limitados a teorizar ou a interpretar comportamentos. Nossas observações implicarão, portanto, nosso imaginário. Por isso, “é necessário problematizar o limite de nossas observações clínicas relativas aos autistas e melhor precisar o uso que fazemos de nossos operadores teóricos”³².

Assim, o efeito de Real que o autista pode produzir sobre o clínico permite-lhe franquear a especularização de sua própria experiência, situando-a como sendo aquela do autista.

Se retomarmos a questão lançada inicialmente, neste texto, sobre os Lefort e sua afirmação de que no autista o Outro não existe, o Outro como lugar da dialética da linguagem, podemos considerar que, se no autista esta dialética está ausente, como atesta o limite de sua enunciação, “há modalidades específicas no autismo, de afetamento pela linguagem, mesmo que essa não contemple sua função plena”³³.

Ao invés de dizermos, simplesmente, que o autista está no Real, melhor seria dizer que ele entra em crise por não saber dar conta desse real. A angústia do real é vivida por ele sem poder ser elaborada. O autista vive seu isolamento atravessado por um real que o invade. Isso porque o efeito sujeito, que normalmente aparece no intervalo entre S_1 - S_2 , é evitado por ele através da

32 VORCARO, A.; LUCERO, A. *Entre real, simbólico e imaginário: leituras do autismo*, op. cit., p.154-155.

33 Id., ibid., p.155.

repetição do Um. Isso se manifesta no desejo de imutabilidade. E a crise sobrevém com a instabilidade, quando ele se defronta com significantes que não sabe significar porque o autista está na linguagem, mas não está no discurso. Não há efeito do significante mestre S_1 que possa representá-lo para um outro sujeito. O encontro com o primeiro significante traumatiza o falasser. Através dele, o sujeito defronta-se com o real enquanto impossível de significar. Esse encontro deixa marcas que o afetam na sua forma singular de entrar no mundo³⁴.

À guisa de conclusão, vemos que, na psicanálise, não se trata de correr atrás de uma etiologia, mas de ver o autismo como uma perturbação da relação com o Outro, diferente em cada sujeito, embora apresentando homologias de estrutura³⁵. A psicanálise não toma o autismo como uma deficiência, um transtorno cognitivo, mas faz uma aposta no sujeito, guardando uma ressignificação em sua forma de ser e de estar no mundo. Sabemos que é pela subjetividade que um indivíduo pode escolher e desejar por sua própria conta. Todavia, as psicoterapias comportamentalistas ou cognitivo-comportamentais conduzem o autismo a formas de comportamento e expressão previamente traçadas para dotá-los de um artefato de aparente normalidade. Nesse tipo de orientação, em nome de uma objetividade adaptativa, sacrifica-se a chance que ele poderia ter de se constituir como sujeito em alguma medida.

Através da orientação psicanalítica, apostamos numa mudança, na medida em que as estruturas psicológicas na infância estão atravessando momentos de sua efetuação. Os modos de

34 DIAS, Francisco *After Thomas: um amigo inesperado*. Trabalho apresentado em Redepião, ago. 2017. Inédito.

35 LAURENT, Eric. *A batalha do autismo: da clínica à política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

obter prazer e desprazer ainda não estão fixados, e os circuitos pulsionais poderiam vir a assumir diversos percursos³⁶.

Acreditamos também que as experiências infantis podem ter um caráter de inscrição estruturante, transformando o valor dos significantes em jogo. Ainda por este caminho de aposta no sujeito é possível atenuar o rumo de um diagnóstico se “os pais estiverem dispostos ao árduo, longo e incerto caminho de apostar e supor, nele, um sujeito a escutar ainda que ele não diga palavras”³⁷.

Ao elaborar esta exposição, tive de fazer uma escolha entre dois caminhos para abordar o autismo. Como cita Zuliani³⁸, há duas vias para esta abordagem: a primeira seria a que escolhi, e sobre a qual nos debruçamos: “há então Outro no autismo, mas trata-se de saber de qual Outro se trata”.

A segunda via seria aquela da “pesquisa sobre a questão dos objetos autísticos”, caminho que coloca a questão do “tratamento do ser que não passa pelo uso de significantes”. Esta é uma via extremamente instigante, via que trata da criação de uma borda e, ao longo dessa borda protetora, ocorre a possibilidade de ser formada a imagem do duplo, das ilhas de competência e dos objetos autísticos.

Por questão de foco no tema escolhido, deixamos o desenvolvimento dessa segunda via para uma nova oportunidade.

36 JERUSALINSKY, Julieta. A criança exilada da condição de falante. In JERUSALINSKY, Alfredo (Org.). *Dossiê autismo*, op. cit., p.78-93.

37 BRUNER, Norma. Entradas e saídas do autismo. In: JERUSALINSKY, Alfredo (Org.). *Dossiê autismo* op. cit., p.120-121.

38 ZULIANI, E. Autisme, automatisme mental et traitement de l'être (apud VORCARO, A.; LUCERO, A. *Entre real, simbólico e imaginário*: leituras do autismo, op. cit.).

Jairo Gerbase

Crítica ao conceito de relação de objeto

Em Paris, na data de 22/10/67, Lacan³⁹ pronunciou um discurso sem título [Discurso de encerramento das Jornadas sobre as Psicoses na Criança] na jornada organizada por Maud Mannoni.

Poderia ser um primeiro objetivo de meu comentário tentar dar um título justo ao texto de Lacan. Um segundo propósito seria o de atualizar seu discurso, fazer, como dizem os italianos, um *aggiornamento*, o que não será muito difícil, posto que consiste em tornar compatível o que ele disse antes e depois.

1. O QUE É A DOENÇA MENTAL?

Contradizendo o organodinamismo de Henri Ey, Lacan dissera que a doença mental não era falha do organismo, mas do ser, não era insulto à liberdade, mas sua fiel companheira, sua sombra, e que o ser do homem não pode ser compreendido sem a doença mental, nem seria ser humano se não portasse a loucura como limite de sua liberdade.

39 LACAN, Jacques. Discurso de encerramento das Jornadas sobre as Psicoses na Criança [22 out. 1967]. *Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, v.3, n.7, p.67-82, 1992.

Em 24/11/75⁴⁰, em Yale, ele lembra sua tese (*Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* – 1932) e comenta: naquela época eu era ingênuo, acreditava que a personalidade era coisa fácil de apreender. Jamais ousaria dar esse título ao de que se trata, pois não creio que a psicose tenha algo a ver com a personalidade. *A psicose é uma tentativa de rigor*. Nesse sentido, eu sou psicótico, porque sempre tento ser rigoroso. Ser lógico, ser geômetra é uma certa forma de psicose. Hoje eu penso assim. Então, posso atualizar o léxico de 67 – liberdade – para o léxico de 75 – rigor. Posso reformular a frase: em vez de um ato de liberdade, a psicose é um ato de rigor.

Em 12/06/76, em "Palavras impostas" (no seminário sobre o *sinthoma*)⁴¹, disse que a fala é um parasita, um revestimento (*placage*), um tipo de câncer que aflige o ser humano. Pergunta-se impressionado por que todo mundo, o chamado homem normal, não se dá conta disso. Lembra que isso não escapou a Joyce, que dizia que sua filha Luttia (esquizofrênica) estava afetada pelo fenômeno da telepatia, era um telepata emissor e por isso não podia ter segredos. Desta vez, atualizo a frase 'a psicose introduz a falta-a-ser' para 'não é a psicose, mas a própria fala que introduz a falta no ser, a hiância', posto que a fala é um câncer, é a própria falha.

40 LACAN, Jacques. Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines: Yale University, Kanzer Seminar, 24 nov. 1975. *Scilicet*, Paris, Éditions du Seuil, n.6/7, p.5-37, 1976.

41 LACAN, Jacques. Joyce e as falas impostas [12/06/76]. In: _____. O seminário livro 23: o *sinthoma* [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p.88-98.

Em 17/05/77, em "Um significante novo" (no *Seminário 'L'insu...'*)⁴², diz que da doença mental, que é o inconsciente, o homem não se desperta, que não há nada mais natural que o automatismo mental, que as vozes dos alucinados vêm do próprio sujeito, que o automatismo mental é normal, que se não o temos é por acaso, que é uma questão de maus hábitos, que se alguém passa a dizer coisas a si mesmo, acaba deslizando para o automatismo mental. Enfim, o que é a doença mental senão o próprio inconsciente?

2. POR QUE REUNIR A CRIANÇA, A PSICOSE E A INSTITUIÇÃO?

Porque os três temas evocam a liberdade, ou o rigor, ou a fala parasita, ou o inconsciente. Laing, Cooper, a antipsiquiatria, instauraram um método que permitia que esses sujeitos manifestassem essa liberdade da psicose. Mas Lacan está fazendo uma crítica a esse método, que no fundo ele considera pedagógico e não inspirado na obra de Freud.

Que para obter-se a criança psicótica é preciso o trabalho de duas gerações é uma frase de Cooper que Lacan aceita de bom grado. A primeira impressão que se tem dela é que se trata de uma referência genética. Seria um engodo acreditar nisso. A referência é ao discurso, que também tem genealogia, que também se transmite de geração a geração. Essa é a importância fundamental do conceito de identificação em psicanálise. Suponho que, nesse momento, Lacan tem em mente (dado que está diante de antipsiquiatras, movimento muito difundido na França devido

42 LACAN, Jacques. Um significante novo [17/05/77]. In: _____. *O seminário livro 24: l'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Jairo Gerbase. Disponível em: www.campopsicanalitico.com.br. Acesso em: 31 jan. 2021.

à Instituição de Tosquelles, assim como na Argentina, graças a Pichon-Rivière, esse movimento alcançou grande desenvolvimento), a hipótese de Bateson (do Grupo americano de Palo Alto), segundo a qual a esquizofrenia é determinada através da comunicação de duplo vínculo que se estabelece entre uma criança e sua mãe.

O que há de comum entre a criança e o psicótico é a segregação. Isso se deve ao tempo global, que Lacan chama planetário, resultado da destruição do Império e de sua substituição pelo Imperialismo, cujo propósito é fazer com que as massas destinadas ao mesmo espaço (geográfico e familiar) permaneçam separadas. No interior do coletivo, o psicótico é signo de impasse da liberdade.

O sujeito da ciência, por sua vez, o quer como objeto de mercado, quer retalhá-lo para fins de doação de órgãos.

Não existem adultos. Existe a criança generalizada, isto é, o sujeito dividido, que não conhece desenvolvimento, posto que é contingente⁴³. Por essa porta se entra na segregação. Foi a razão pela qual Freud colocou como princípio da ética o gozo e não a lei.

3. O ALIENISTA, O PSIQUIATRA, O PSICANALISTA

O psicanalista saiu da obra de Freud. Ele tem uma ética a qual propõe que toda formação humana tem por necessário refrear o gozo. A religião, a filosofia, o hedonista dizem como refrear o gozo cada qual à sua maneira, mas a psicanálise diz claramente que o princípio do prazer consiste em refrear o gozo. O princípio do prazer enuncia que o ser não deve viver em tensão, que deve

43 RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Lisboa: Ed. Presença, 1994.

levar a tensão ao ponto zero, que não deve padecer, que deve sofrer o menos possível, estando implicada aí a categoria modal do possível, isto é, a que se define como o que 'para de se escrever'. Então, o que pode reprimir o gozo é o possível, o que para de se escrever. Mas sabe-se que, acerca do princípio de regulação do funcionamento (mental) do discurso, Freud avançou do possível ao contingente, ao que se define como o que 'para de não se escrever', por intermédio de seu conceito de repetição enquanto *tiquê*, encontro.

Lacan reclama não ter ouvido durante dois dias se falar em gozo, inconsciente, relação sexual. Por isso introduz a questão através da noção de ser-para-a-morte, de Heidegger, dizendo que Freud foi além disso, propondo a noção de ser-para-o-sexo. Boa distinção entre filosofia e psicanálise. No inconsciente, não há registro da morte do mesmo, há do outro. No inconsciente se registra o ser-para-o-sexo, a castração do mesmo. Ao parceiro deste ser-para-o-sexo, ele chama de objeto *a*, o que quer dizer que o ser é experimentado em outro lugar. Isso equivale a dizer que não há relação sexual.

Na nota manuscrita em 26/09/68⁴⁴, por ocasião da publicação desta intervenção, ele diz que a presença em psicanálise não vale senão ao se apagar, como em matemática (o que daria motivo para Sokal fazer paródia). Em psicanálise, de fato, a presença do sexo deve ser entendida no sentido em que o falasser o apresenta como feminino. Sobre isso, desde que formulou a pergunta 'Que quer a mulher?', Freud permaneceu na ignorância. Lacan inicia seu ensino a partir dessa pergunta e faz dela o centro do discurso analítico. Com ironia, chega a dizer que isso faz da mulher uma

44 LACAN, Jacques. Discurso de encerramento das Jornadas sobre as Psicoses na Criança..., op. cit.

psicanalista nata, tal como é o caso de Melanie Klein, que precisou se analisar muito pouco.

Que o valor da psicanálise seja o de operar sobre a fantasia é simples atualizar, dizendo que é operar sobre o sintoma. Sobre esse ponto, creio que estamos sozinhos. Seja no campo freudiano ou no lacaniano, vamos encontrar objeção a esta tese. Mas, melhor do que dizer que na neurose, psicose ou perversão se opera sobre a fantasia enquanto núcleo do sintoma, seria dizer que se opera sobre o sentido que o sintoma conserva no real. Dito de outra maneira, seria operar sobre a outra significação do sintoma, que não é mais significação, porém satisfação. Logo, o valor da psicanálise é o de operar sobre o gozo do sintoma. Para dizer o mínimo, a vantagem de atualizar o léxico fantasia para gozo é a de evitar esta metáfora biológica de que o sintoma tem núcleo. A célula, é verdade, tem núcleo, mas o sintoma tem estas duas dimensões. Aliás, o que importa é sua dimensão satisfação.

A própria clínica estrutural – neurose, psicose, perversão – não se sustenta sem uma atualização, que recentemente propus sob o termo de clínica tórica, clínica do nó borromeano de toros, que está além da própria clínica dos discursos, do discurso histérico e do "discurso esquizofrênico".

4. OUTRO, OBJETO A, MESMO, OUTRO, A RELAÇÃO DE OBJETO

O objeto *a* não é o objeto parcial, mas o objeto causa. Isso o torna não designável. Esta foi a forma que Lacan encontrou para impedir que se tomasse a realidade por referente ou causa dos fenômenos analíticos, de impedir que se inferisse a causa por intermédio da implicação material. Ao mesmo tempo em que lhe permitiu deduzi-la de modo lógico-formal, definindo a realidade como o impossível, ou seja, o real. Seria preciso que o significante

produzisse tantos estragos para que a realidade contasse como causa. Boa distinção entre psicanálise e pedagogia ou entre realidade e fantasia.

Impotente em colocar esse estatuto da fantasia no ser-para-o-sexo (em termos atuais, na não relação sexual), a psicanálise inventa a fantasia postiça da harmonia no *habitat* materno. A anorexia mental mostra o contrário, mostra a desarmonia da relação mãe-filho, ou melhor, sujeito-Outro, melhor ainda, mesmo-outro. Há nisso a mesma falta de consistência lógica que se encontra em nomear de pré-verbal o momento precedente à articulação patente da *la gage*, da *gâche*, da *langage*. Uma criança que tapa os ouvidos ao que está sendo dito não está já no pós-verbal, já que se protege do verbo?

Em vez de estruturar o espaço nascente como quer Sami-Ali⁴⁵, o que se estrutura é o *aqui e lá* (*fort/da*), que já são estruturas de linguagem. Há linguística na construção do espaço. No latim, trata-se da diferença entre *taceo* e *silet*.

Há muito mito na importância da relação entre o corpo da criança e o da mãe. Elide-se, com isso, a importância do objeto *a*, que é o que se subtrai. Não que o corpo da criança seja o objeto *a*, pois que este é inanimado, causa da fantasia ou, melhor, do sujeito do qual a fantasia é montagem.

A importância do objeto transicional de Winnicott (do cobertor de Charlie Brown, do coelhinho da Mônica) não está no fato de permitir à criança se separar da mãe, mas de que ela sirva de objeto transicional à mãe, ou seja, que ela seja um objeto condensador de gozo para sua mãe, o que decidiria seu destino de ser o falo, o objeto *a*, ou o objeto do desejo, o que corresponde,

45 Intervenção feita nas Jornadas sobre as Psicoses na Criança (1967).

em uma clínica estrutural, respectivamente, à escolha perversa, psicótica ou neurótica.

A psicanálise deve deixar à pedagogia a tarefa de se ocupar da relação de objeto, da relação mãe-filho. Sua vocação é a de se ocupar da relação homem-mulher. Isso porque, no inconsciente, não há inscrição do conceito de mãe como falta. O inconsciente justamente carece da inscrição do gozo da mulher, do gozo vaginal. Esse é o fundamento da teoria psicanalítica. A relação sexual entre um menino e sua mãe não é impossível. O que é impossível, o que não há é a relação sexual entre um homem e uma mulher.

É nessa oportunidade que posso introduzir a atualização de uma de suas últimas teses sobre o assunto – a mulher: ao nível do sintoma, não há equivalência sexual, há relação. Se disse que a não relação depende da equivalência é porque não há equivalência que estruture a relação. Não há relação senão onde há sintoma. O outro sexo se suporta do sintoma. O sintoma é o sexo ao qual não pertenço, uma mulher. Uma mulher é, *para todo* homem, um sintoma. Do lado do homem, para uma mulher, é preciso encontrar outro nome porque o sintoma se caracteriza pela não equivalência. O homem é, para uma mulher, tudo o que lhe agrada, uma aflição pior que um sintoma, uma devastação. Que não haja equivalência é o único reduto em que se suporta, no falasser, a relação sexual. A Clínica (*clino*), o leito, demonstra isso. Há um laço estreito entre o sintoma e o *real do inconsciente*⁴⁶.

Lacan trafegou do Outro [A] como lugar do significante ao Outro [SA] como lugar da falta de significante, até poder formular que o Outro não existe. Também atravessou do outro [a'] semelhante ao outro [a] objeto. Por fim, navegou do significante articulado em um discurso [S₁→S₂] ao significante único

46 LACAN, Jacques. Joyce e as falas impostas [12/06/76], op. cit.

[S₁] em relação ao qual indicou os mais típicos como o *mesmo* e o *outro*. Também passou do conceito de sujeito ao de falasser. Logo, podemos reduzir as categorias conceituais com que lidamos, ou, na linguagem de Rorty, podemos atualizar e restringir o número de léxicos com que lidamos e com eles construir toda a elaboração conceitual de que a teoria necessita.

Como disse o próprio Lacan na nota manuscrita sobre sua intervenção, o pretexto dessa alocução foi fingir ser uma conclusão, ele que preferia um discurso sem palavras. Logo, meu título, poderia ser: **Crítica ao conceito de relação de objeto em Psicanálise.**

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. Discurso de encerramento das Jornadas sobre as Psicoses na Criança [22 out. 1967]. *Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, v.3, n.7, p.67-82, 1992.

LACAN, Jacques. Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines: Yale University, Kanzer Seminar, 24 nov. 1975. *Scilicet*, Paris, Éditions du Seuil, n.6/7, p.5-37, 1976.

LACAN, Jacques. Joyce e as falas impostas [12/06/76]. In: _____. *O seminário, livro 23: o sinthoma [1975-1976]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p.88-98.

LACAN, Jacques. Um significante novo [17/05/77]. In: _____. *O seminário, livro 24. l'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Jairo Gerbase. Disponível em: www.campopsicanalitico.com.br. Acesso em: 31 jan. 2021.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Lisboa: Ed. Presença, 1994.

José Antonio Pereira da Silva

A criança, os pais e a transferência

Achei importante iniciar as elaborações sobre o tema deste trabalho tomando o conceito de criança para a psicanálise, ressaltando que a criança, para a psicanálise, é um analisando por inteiro, pois, se há alguma especificidade na prática com crianças, uma delas é a relação do sujeito com o gozo e não por causa da sua idade ou do fato de ser um “sujeito pequeno”. Portanto, o conceito que interessa à psicanálise de criança é que esta ainda não tem responsabilidade pelo seu gozo⁴⁷.

Gerbase nos traz a definição de criança estrutural em oposição à definição histórica: a criança é um sujeito e, como tal, não conhece evolução, como compreende a psicologia do desenvolvimento. Esse sujeito, para a psicanálise, quer dizer apenas o efeito de sentido da linguagem, mais precisamente, do *non-sens* da linguagem. Ou seja, isso que se encontra a partir do enunciado. O tempo do sujeito é subjetivo. A idade do sujeito é mental.

Sabemos que são necessárias a presença e a participação dos pais na psicanálise com crianças, sendo estas duas especificidades da clínica com criança. Nesse sentido, é preciso também

47 GERBASE, Jairo. Entrevista. *Carrossel*, Salvador, EBP-Bahia, Ano I, n.0, abr. 1997.

pensar se há alguma especificidade na transferência da clínica com criança e seus pais.

Freud⁴⁸ descreveu as formas mais comuns do fenômeno que chamou de transferência. A primeira forma constatada por Freud foi: o paciente, que deveria não desejar outra coisa senão encontrar uma saída para seus penosos conflitos, desenvolve especial interesse pela pessoa do médico, por tudo que se relaciona ao psicanalista, por ser mais importante para ele do que seus próprios assuntos. O paciente, entre outras disponibilidades para com o psicanalista, jamais se cansa de elogiá-lo e descobrir qualidades sempre novas. É o que conhecemos como amor transferencial.

O que Freud esperava é que o psicanalista fosse suficientemente modesto e pudesse atribuir o alto conceito que o paciente tem sobre ele às esperanças que nele pudesse acarretar e ao alargamento dos horizontes intelectuais, mediante esclarecimentos surpreendentes e liberalizantes que o tratamento traz consigo.

Entretanto, constata Freud, esse bom tempo não dura para sempre. Surgem dificuldades no tratamento; o paciente declara que nada mais lhe ocorre à mente. Comporta-se como se estivesse fora do tratamento e como se não tivesse feito um acordo com o psicanalista. Essa é uma situação perigosa para o tratamento, diz Freud, e significa se defrontar com o que ele vai chamar de Resistência.

O manejo dessa transferência ele irá abordar nos textos técnicos, em que diz que nos é impossível ceder às exigências do paciente decorrentes da transferência. Desse modo, diz Freud, obrigamos o paciente a transformar a repetição em lembrança,

48 FREUD, Sigmund. Conferência XXVII – Transferência [1917]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.XVI, p.503-521.

transformando a maior ameaça ao tratamento em seu melhor instrumento e permitindo o acesso à vida mental do paciente.

À medida que a transferência leva um sinal 'mais', ela reveste o psicanalista de autoridade e se transforma em crença nas suas comunicações e explicações. A sua crença aqui é um derivado do amor.

Freud⁴⁹ irá nos dizer que a transferência é um veículo de cura e condição de sucesso de uma análise. Entretanto, Lacan⁵⁰ define a transferência como um modo de acesso ao que se esconde no inconsciente, mais especificamente, a transferência é, para ele, a atualização da realidade do inconsciente. "No começo da psicanálise está a transferência"⁵¹, ressalta Lacan.

CRIANÇAS, OS PAIS E A TRANSFERÊNCIA

Até aqui, poderíamos dizer que abordamos a dimensão imaginária da transferência na clínica. A dimensão do amor à mãe, do ódio ao pai e que se poderia transferir ao analista.

Mas é preciso entender que se trata, na transferência, do deslocamento (*Entstellung*) de um significante, usado desde Freud porque ele estava analisando a transferência no nível do discurso, no nível da linguagem, tratando assim a transferência como o deslocamento de um significante. A isso, Lacan vai chamar de transferência como uma metonímia (*Verschiebung*) do significante.

49 FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência [1912]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.XII, p.129-143.

50 LACAN, Jacques. Presença do analista [1964]. In: _____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.119-129.

51 LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264. p.252.

O que se trata na transferência metonímica não é de pessoas, nem de sujeitos, nem a paixão do amor e nem a paixão do ódio, o que interessa à psicanálise é a paixão da ignorância. O que isso quer dizer?

Gerbase⁵² recorre a Todorov em seu texto “Freud e a enunciação”, para esclarecer que tudo o que Freud quis definir foi a relação que se passa entre os dois termos, analisando e analista, sendo o analisando correspondente ao termo verbal do enunciado e o analista, à enunciação.

Freud verificou que, em determinado momento, no discurso e na experiência, o significante falta, a palavra falta, uma vez que não é mais possível dizer e, aí, aparece o fenômeno da transferência. Nesta, a forma de dizer com palavras é impossível de dizer, mas, como o inconsciente insiste em dizer, aparece outra forma de dizer que é o agir e à qual Freud nomeou de repetir.

Nesse sentido é que podemos afirmar que a transferência é um modo preferencial de dizer na situação analítica, na situação discursiva da análise quando a palavra falta, ou seja, quando o significante falta, dizemos, em ato.

A aposta da psicanálise é que não há como trazer o significante do real, senão através do método analítico chamado transferência. Esta é a forma de dizer o isso, que estava no nível do real, e trazê-lo ao nível do simbólico, uma vez que a dita vertente imaginária da transferência –

[...] metonímia libidinal imaginária, a da adoção do analista na família do analisando, também se joga aí, no nível da repetição, porém entendida enquanto autômaton, enquanto rotina.⁵³

52 GERBASE, Jairo. Entrevista. *Carrossel*, op.cit.

53 Id., *ibid.*, p.13.

Entretanto, ainda de acordo com Gerbase, a vertente real da transferência se joga, também, no nível da repetição, porém enquanto tiquê, enquanto encontro.

A vertente simbólica da transferência é a que se apresenta com o conceito de sujeito suposto saber, o pivô em torno do qual, segundo Lacan, gira tudo o que diz respeito à transferência.

Para a análise com criança, segundo Lacan, é preciso levar em consideração a noção d'alíngua, das palavras do inconsciente, para usar uma expressão de Soler⁵⁴. Assim, vemos que o conceito de transferência se aplica perfeitamente à criança.

A experiência da análise deve permitir a um sujeito se autorizar a falar sua própria língua. É isso que leva Lacan⁵⁵, no *Seminário 20, mais, ainda*, a dizer que, se uma análise tem por efeito o desvelamento de um saber que “repousa no antro da alíngua”, dita materna, é uma língua singular, própria a cada um. Advinda das primeiras relações com a língua como núcleo constitutivo para o sujeito, uma relação de gozo, ela é feita de balbucios e lalações, é uma língua na qual som e sentido são confundidos, uma língua que não é aquela da cultura, mas anterior à aprendizagem da leitura e da escrita, uma língua na qual os afetos são diretamente expressados, uma língua própria da cada um. Ao fim da análise, o analisante está numa nova relação com sua língua.

Como fica, então, a questão do laço transferencial com os pais na análise? Assim como a relação entre o analisando e o analista está sujeita desde sempre à ambiguidade, como aquilo sem o que não há análise possível e, também, como dizia Freud, como aquilo que pode impedi-la, a implicação dos pais na análise dos

54 SOLER, Colette. Lição III e Lição IV [2012]. In: _____. *O que faz laço?* [2011-2012]. São Paulo: Escuta; 2016.

55 LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

seus filhos tem também essa ambiguidade; os pais podem viabilizar que a análise aconteça ou podem ser um empecilho para ela.

A tese de Lacan é que a relação de amor com o objeto da transferência tem como verdade escondida o laço do desejo do analisando com o desejo do analista como desejo do Outro. Lacan pensou aqui no manejo da relação de transferência, construída em relação à função da fala. A própria estrutura da fala permitiria separar a transferência da simples reiteração das demandas infantis, fazendo valer o componente da fala do desejo, e orientar o sujeito em direção à questão de sua falha constitutiva, simbolizada pelo falo, o *Che vuoi?* – a que Lacan chama de a questão do ser, aqui a criança e não os seus pais, o que se tornaria a porta de entrada da criança na transferência⁵⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desejo de tratar os sintomas ou saber sobre o que causa angústia, faz-se a aposta na psicanálise, surgindo, assim, o desejo de psicanálise e, por consequência, a transferência à psicanálise. Busca-se a psicanálise e o analista, que se supõe ter as condições e características de levar ao encontro deste saber. De levar a criança, a partir do seu sintoma, ao encontro de saber a verdade sobre o seu sintoma.

Nas entrevistas preliminares, a partir do ato de implicação, a criança e/ou seus pais deparam-se com aquilo do que se queixa, suas escolhas e, conseqüentemente, com os sintomas que o representam. Advertidos, como devemos estar, de que o sintoma é o dado fundamental da experiência analítica e se define como

56 SOLER, Colette. Lição III e Lição IV [2012], op. cit.

representante da verdade do sujeito, e não do casal familiar⁵⁷. Dá-se, então, início ao processo de análise da criança, no qual será possível atravessar as diversas alienações ao outro, sustentada pela transferência, essencialmente, da criança.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Análise da fobia de um menino de cinco anos [1909]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.X, p.11-154.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência [1912]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XII, p.129-143.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial [1915]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.XII: Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise, III, p.205-223.

FREUD, Sigmund. Conferência XXVII – Transferência [1917]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.XVI, p.503-521.

GERBASE, Jairo. Entrevista. *Carrossel*. Salvador: EBP-Bahia, Ano I, n.0, abr. 1997.

LACAN, Jacques. A transferência no presente [1961]. In: _____. *O seminário, livro 8: a transferência [1960 – 1961]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. p.169-181.

LACAN, Jacques. Presença do analista [1964]. In: _____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.119-129.

57 LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise [1969-1970]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. Análise e verdade ou o fechamento do Inconsciente [1964]. In: _____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.130-141.

LACAN, Jacques. A sexualidade nos desfiles do significante [1964]. In: _____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.142-152.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.248-264.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SOLER, Colette. Lição III e Lição IV [2012]. In: _____. *O que faz laço?* [2011-2012]. São Paulo: Escuta; 2016.

Sonia Campos Magalhães

A fobia e o real⁵⁸

Sabemos que o estudo e debate sobre a fobia são de interesse crucial para a psicanálise.

Aprendemos, com Freud, que a fobia surge a partir de um encontro primordial com a angústia. A fobia seria uma saída sintomática que protegeria o sujeito contra a angústia de castração, localizando essa angústia no medo de um objeto específico.

Aprendemos, com Lacan, na sua leitura cuidadosa da obra freudiana, que esse encontro com a angústia é estrutural. Ele dirá, em certo momento de seu ensino, que “a angústia é afeto típico do real”⁵⁹. Creio que esta afirmação de Lacan nos permite dizer que a fobia pode surgir diante do advento do real.

Em *Declinações da angústia*, Colette Soler nos diz que a fobia é uma espécie de sinal determinante da existência do inconsciente como saber.⁶⁰ Encontramos na fobia uma construção significativa ou uma formação significativa; ela é fabricada pelo trabalho do inconsciente.

58 Texto publicado em: SILVA, José Antonio Pereira da (Org.). *O real na clínica psicanalítica*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2018, p.44-52.

59 SOLER, C. *Avènements du réel, de l'angoisse au symptôme*. Paris:Éditions du Champ Lacanien, 2016, p.14.

60 SOLER, C. *Declinações da angústia* (Curso 2000-2001). Tradução de Sonia Maria Coni Campos Magalhães. São Paulo: Escuta, 2012, p.235.

Levando-nos à prática clínica de psicanálise e criança, Soler vai nos lembrar que há uma tipicidade das fobias da criança e, se perguntarmos quais são os significantes destas fobias, poderíamos lembrar – o escuro, a solidão mas, sobretudo, o bestiário – o lobo, o cavalo, o leão.

Por que este bestiário? pergunta Soler.

Ela mesma nos diz que frequentemente um animal que pode ter sido um animal familiar (inclusive, doméstico), de repente, de familiar se converte em inquietante, *Unheimlich*, como nos ensina Freud. Talvez se possa considerar que, se isso ocorre, é justamente porque o animal é uma figura do gozo em toda linguagem, em todo discurso: é a besta!

Qual é o traço comum entre a solidão, o escuro, as bestas? Lacan diz que o traço comum é a falta de referência significativa e que, por mais heterogênea que seja esta série, ela é produzida para significar a opacidade do Outro. A cena fóbica apresenta uma relação com o desconhecido que se abre para o sujeito como se fosse um abismo.

A fobia acontece como uma tomada de posição diante do furo ante o qual o sujeito interpõe o objeto fóbico, por exemplo, o cavalo para Hans. O furo evoca a experiência da agorafobia (medo de espaço) que está na base de todas as fobias. O sujeito fóbico é transtornado pelo espaço no qual ele não está representado.

No seu texto *Repressão*⁶¹, Freud afirma que a fobia é formação substitutiva, isto é, formação metafórica. Com Lacan, podemos dizer – formação de significantes. O uso de um significante coringa, que serve para tudo, substitui o significante que poderia barrar o gozo. Ao fazer esta substituição, o sujeito opera um ato

61 FREUD, S. *Repressão* (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.163-182.

contra o medo. Ele vai tomar o objeto significante que dá medo para controlar a angústia. É uma esquiva, uma prevenção. O fóbico se previne do desejo, o evita, porque está prevenido da parte de horror que este desejo contém.

Em 1926, em *Inibições, sintomas e ansiedade*⁶², Freud recorreu à fobia e ao exemplo de Hans para tentar dar uma definição mais precisa do sintoma e de sua relação com a angústia. A fobia atesta um retorno estranho e imprevisto: nela, a angústia não só estaria na origem dos sintomas, como em outras formas de neurose, mas se tornaria, ela própria, o sintoma central.

Lacan vai desenvolver sobre a fobia uma concepção estrutural. Em seu seminário *A relação de objeto* ele nos diz que a fobia é um significante⁶³. É um elemento significativo da história do sujeito que mascara a sua angústia fundamental.

O significante fóbico recobre algo que não tem como se resolver no nível da angústia, intolerável para o sujeito, e sua única alternativa é fazer uso de um esforço imaginário de um “tigre de papel”⁶⁴ que, com toda a sua força, delimita o espaço, mas mesmo assim, não consegue dar conta de toda a angústia. Lacan comparou este significante a letras de fogo ou “brasões da fobia”⁶⁵.

62 FREUD, S. *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926). In: _____. *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos*, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.107-198.

63 LACAN, J. Me dará sem mulher uma progenitura. In: _____. *Seminário livro 4; a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p.400-421.

64 LACAN, J. *Seminário De um Outro ao outro* [1968-1969]. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2004, p.315.

65 LACAN, J., *Função e campo da fala e da linguagem* [1953] In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.282.

No Seminário sobre a relação de objeto, ao estudar o caso Hans, Lacan vai se referir à fobia como poesia viva.⁶⁶ Ele aproxima, quanto à função que desempenha o objeto fóbico – o *cavalo* – ao *feixe* da metáfora de Victor Hugo. É uma metáfora poética, poesia viva, sustentada pela substituição, como no poema de Victor Hugo, de Booz pelo feixe e, em Hans, do pai pelo cavalo.

Em seu Seminário livro 16 *De um Outro ao outro*⁶⁷, Lacan nos diz que a fobia não constitui uma entidade clínica, mas o que ele vai chamar de *une plaque tournante*, isto é, uma plataforma giratória. Com esta expressão, Lacan nos leva a pensar no dispositivo das linhas férreas, que permite desviar o trem fazendo-o passar, obrigatoriamente, para outro trilho. A fobia abriria o trilho para a estruturação da neurose, podendo fazê-la girar para uma ou outra de suas formas – a histeria ou a obsessão. A fobia seria uma figura clinicamente ilustrada desse encontro com o real.

No seu curso no Campo Psicanalítico, em 2017, *Adventos do Real: autismo e fobia*, Jairo Gerbase⁶⁸ situa o advento do real enquanto chegada do primeiro significante. Observa, então, que "a fobia é o ícone de que o sujeito do inconsciente começou a lidar com o impossível de ser apreendido – o real. Já o autismo indica que o indivíduo, isto é, o corpo do falasser, não foi devidamente afetado pelo significante".

Em *Avènements du réel, de l'angoisse au symptôme* – "Adventos do real, da angústia ao sintoma"⁶⁹, Soler vai nos lembrar que

66 LACAN, J. Me dará sem mulher uma progenitura. In: _____. *Seminário livro 4; a relação de objeto*, op. cit., p.411.

67 LACAN, J. *Seminário De um Outro ao outro*, op. cit., p.300.

68 GERBASE, J., Curso: *Adventos do Real: autismo e fobia. Programa do Campo Psicanalítico de Salvador*, 2017.

69 SOLER, C., *Avènements du réel, de l'angoisse au symptôme*, op. cit. p. 47-48. (Tradução da autora).

Lacan dizia que “a fobia é uma figura clinicamente ilustrada, de modo brilhante, sem dúvida, mas em contextos extremamente diversos”. Ela nos leva, então a um desses contextos onde o mecanismo fóbico – ou o “artifício” fóbico é utilizado, porém fora da clínica, isto é, no campo da política, no nível do poder, cada vez que se empresta à fobia o que Lacan chamou sua eficácia. Soler nos remete ao Seminário Livro 16, *De um Outro ao outro*, ali onde encontramos Lacan a dizer: “[...] cada um sabe qual é a ordem da eficácia das fobias. Se há algo que serve no vocabulário político, e não sem que nos lembremos da junção do poder e do saber, é o lançar em um ponto do mundo, com a linguagem, o tigre de papel”.

Segundo Soler, esta expressão – *tigre de papel* – seria o paradigma do significante para fazer medo, na junção, de fato, do poder e do saber, e pode ser inventada a cada dia. Ela faz referência, então, à questão dos emigrados, tão atual. O tigre de papel é um perigo passado ao registro do significante, observa Soler, lembrando que Lacan empregava às vezes a expressão – “passado ao Outro, e assim, passado ao simbólico”.

Este terreno conhecido do ensino de Lacan pode ser formulado a partir do *tigre de papel* justamente porque este não é um fenômeno da psicopatologia, ele está em toda parte no campo discursivo.

Essas considerações de Colette Soler me levaram ao início deste seu curso realizado em Paris, nos anos 2015-2016, à sua primeira aula, quando ela situa uma pergunta:

“DE QUE TEMOS MEDO?”

Para responder à sua própria indagação, Soler considera que “o termo – medo – vai bem com o que Freud coloca como causa da

primeira experiência traumática da angústia, a saber, um perigo. Mas pondera que “o termo perigo é, ao mesmo tempo, falante e vago”. Há muitos perigos possíveis para o corpo e para o sujeito. Ela ressalta então que “das crianças pequeninas se diz que elas não têm o sentido do perigo, e isto é verdade no que diz respeito ao corpo, no entanto, muito cedo elas podem ter medo do Outro, de sua voz e de seu olhar [...]”.

Soler nos leva, então, a Freud, quando este considera que as situações de perigo seriam aquelas face às quais o indivíduo estaria sem recursos. Lembra que Freud descrevia a verdadeira experiência traumática como aquela da criatura abandonada ao – *Hilflosigkeit* – ao desamparo. Diz, então, que “Isto nos convida a distinguir dois estratos do medo: a angústia do Outro e a da falta do Outro, nos dois casos no sentido objetivo do *de* – angústia diante do Outro e angústia da ausência do Outro. Quando o Outro falta, trata-se de inventá-lo”.

Evocando Lacan quando este se refere ao Outro traumático do Jardim das Oliveiras: “Pai, por que me abandonastes?”, Soler nos diz que Lacan está a falar neste momento do “pai traumático” para dizer que “ele falha sempre no que concerne a responder ao sujeito, pois esta falha é estrutural, e isso porque a linguagem do Outro, portanto, o simbólico, é furado – *trou-matisme* – escreve Lacan”.

Ainda sobre os perigos, Soler faz uma observação que me pareceu interessante trazer. Existem perigos que são acidentes: são os que vêm da natureza (como os tsunamis, por exemplo), ou das técnicas humanas (acidentes atômicos, nas ferrovias, rodovias etc). Mas estes não dizem respeito especificamente à psicanálise. Ela considera, então, que o único perigo com o qual a psicanálise se defronta, propriamente, é o que Lacan nomeia no fim de seu ensino *l'événement de corps*, acontecimento de corpo,

que não é acontecimento de sujeito, mas do corpo que ele tem e que ele não é, acontecimento de gozo de corpo que é, também, do real.⁷⁰

Retomo a afirmação de Lacan: “angústia, afeto típico do real”⁷¹ e a respeito deste real situo uma observação de Soler: “Trata-se então do real na sua maior opacidade, definido como fora simbólico e fora imaginário, um real sem o Outro e do qual será preciso estudar o estatuto possível”.

Detenho-me em um desses momentos quando Lacan situa, em *Televisão*, uma frase que diz respeito à fobia e também ao Real. Cito:

A fobia do pequeno Hans, mostrei que era isso: lá, onde ele levava Freud e seu pai a passear mas onde, desde então, os analistas têm medo.⁷²

Volto a lembrar a definição que Gerbase concede à fobia em seu curso de 2017 – “Adventos do Real: autismo e fobia”: “a fobia é o ícone de que o sujeito do inconsciente começou a lidar com o impossível de ser apreendido – o real”.

A fobia dá medo por ser o Real impossível de ser apreendido. Por permanecer enigmático, o Real dá medo. Sabemos que, quando estamos diante de outro com medo, também podemos ter medo. Como aponta Lacan em *Televisão*, os analistas podem se deixar contaminar pelo medo que o sujeito fóbico transmite com sua fobia.

70 SOLER, C. *Avènements du réel, de l'angoisse au symptôme*, op. cit., p.15-16.

71 Id., ibid., p.14.

72 LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 48.

Dissemos que o fóbico se previne do desejo, o evita, porque está prevenido da parte de horror que este desejo contém.

A frase de Lacan sobre a fobia e o medo nos permite aproximar duas expressões que também são do mesmo autor: “o desejo prevenido” – do fóbico – e o “desejo advertido”, que caracteriza o desejo do analista.

Bernard Nominé, no seu artigo *Lá, onde, desde então, os analistas têm medo*, diz algo sobre esta questão. Cito: “Que, para se sustentar face ao seu desejo o sujeito possa encontrar outro recurso que não a fobia – que ele possa encontrar, na experiência analítica, o desejo do analista”⁷³.

Detenho-me aqui, dizendo: que o sujeito possa ser levado a saber lidar com o que já estava lá, desde sempre: o furo, a exigir que aí advenha a invenção possível, produto deste encontro com o Real.

E, também, trazendo um poema da poeta baiana Myriam Fraga, em sua *Poesia reunida*:

Na goela do feroz
Dourado tigre,
Eu sobre mim
E a força
Do princípio.

A coleira de ferro
Sobre o peito liso
Deslizo coleante.

73 NOMINÉ, B. Là ou depuis les analystes ont peur. *L'enfant et le désir de l'analyste*. Les séries de la découverte freudienne, vol. VXII, dez. 1994, p.26.

Sou minha fera.

A mão prudente na alça
Do gasnete
Farejo no meu rastro,
Eu caçador/caçado.

Revolvo as armadilhas
Arapucas mundéus as g
aiolas os laços a cor
rente na trilha a rat
oeira a rede a isca o
alçapão a coleira as
algemas o hábito o ca
nsaço a solidão o med
o (ASSIM RESOLVO EM A
STÚCIA MEU SEGREDO).

Myriam Fraga, *Bestiário*.⁷⁴

74 FRAGA, Myriam. *Poesia reunida*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008, p.32.

Um dos traços mais fulgurantes da intuição de Freud na ordem do mundo psíquico é ter captado o valor revelador dos jogos de ocultamento que são as primeiras brincadeiras da criança. Todo o mundo pode vê-las e ninguém antes dele havia compreendido, em seu caráter iterativo, a repetição liberadora de qualquer separação ou desmame como tais que nelas assume a criança. Graças a ele, podemos concebê-las como exprimindo a primeira vibração da onda estacionária de renúncias que irá escandir a história do desenvolvimento psíquico.

LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica.
In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.188.



FANTASIA E INFANTIL

Sonia Campos Magalhães
Todos adotivos⁷⁵

*O impasse sexual secreta as ficções que racionalizam o impossível de onde ele provém. Não digo que sejam imaginários, leio aí, como Freud, o convite ao real que responde por isso. A ordem familiar só faz traduzir que o Pai não é o genitor e que a Mãe continua contaminando a mulher para o filhote d'homem: disso resulta o resto.*⁷⁶

Buscando, inicialmente, articular a questão da adoção à ética da psicanálise, remeto-me a Freud em um texto surgido logo no começo de sua elaboração teórica, o seu *Projeto para uma psicologia científica*. Freud vai-se referir a uma questão que toca um ponto central da teoria psicanalítica: o estado de desamparo inicial daquele que cai no mundo nascido como filho do humano. O peso que Freud concede a essa questão o leva a dizer que “[...] o desamparo inicial do ser humano se torna a fonte primordial de todos os motivos morais”⁷⁷.

Neste mesmo texto, Freud vai observar que o organismo humano, nos seus estados precoces, é incapaz de provocar uma

75 Artigo originalmente publicado em TEIXEIRA, Angélica (Org.). *Especificidades da ética da psicanálise*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2005, p.160-167.

76 LACAN, J. *Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p.55-56.

77 FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. I, p.431.

ação específica que só pode ser realizada com uma ajuda alheia, necessitando, portanto, da atenção de um outro, bem próximo, que se volte para ele. Ao falar deste estado de desamparo, ou melhor, de derrelição⁷⁸ inicial do humano ao nascer, Freud vai se referir à importância do grito. Ao fazê-lo, ele nos levará a apreender que será através do grito que a criança poderá fazer apelo a um Outro, um Outro que a criança espera que esteja aí. Será pelo fato de este Outro estar aí, pela resposta que vem do Outro, que o grito se fará demanda, uma demanda imperiosa que não poderá mais ser considerada, apenas, como da ordem de uma pura necessidade de alimento.

Jacques Lacan, partindo do seu conceito de *parlêtre* (falasser), também vai, tal como Freud, se interessar pelo grito do *filhote do homem ao nascer*. No seu *Seminário livro 4*, ele nos diz:

Desde a origem, o grito da criança é feito para que se tome conhecimento dele, até mesmo para que, mais além, se o relate a um outro. Basta ver a necessidade essencial que a criança tem de receber os gritos modulados e articulados que se chamam palavra e o interesse que ela tem no sistema de linguagem em si mesmo. O dom-tipo é, justamente, o dom da palavra porque, com efeito, o dom aqui é, se posso dizer, igual em seu princípio. Desde a origem, a criança se alimenta tanto de palavras quanto de pão.⁷⁹

78 Segundo Colette Soler em *Déclinaisons de l'angoisse* (Cours 2000-2001, Collège Clinique de Paris, Diffusion: Francis Ancibure, Aula 4, p.56-57), o termo freudiano *Hilfflosigkeit* foi traduzido para o francês, como "*détresse*" e para o espanhol como "*desamparo*". Ela vai observar que traduzir *Hilfflosigkeit* para o francês como "*déréliction*" seria bem melhor. No *Petit Robert* encontramos *déréliction* como "estado do homem que se sente abandonado, isolado, privado de todo socorro divino". (Tradução nossa) No Aurélio encontramos derrelição: do lat. *derelictione*, s. f. Abandono; desamparo.

79 LACAN, J. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p.192.

Creio que vemos despontar aí uma ética que leva em conta uma especificidade do humano. O filhote do homem não sobrevive se não for acolhido, adotado pelo Outro.

Em relação a esta afirmação, será preciso lembrar algo em relação ao saber. Sabemos que há, para todo ser vivo, para todo animal, um saber como alicerce. No entanto, no que diz respeito ao humano, a psicanálise vai apontar algo surpreendente: este saber não se apresenta, no homem, da mesma forma que nos outros animais. Ao conceber a psicanálise e ao trazer o seu conceito de inconsciente, Freud quer mostrar que este saber alicerce, no humano, é um saber não sabido que ele denominou *Unbewusste*.

Em relação a este *Unbewusste* de Freud, Lacan nos diz, no seu seminário “O saber do psicanalista”, que “a dimensão do ser falante se distingue da do animal porque há, no *fallasser*, uma hiância por onde ele se perde”⁸⁰.

Esta observação de Lacan nos remete à importância a ser conferida ao conceito freudiano de *Trieb*, conceito que Freud faz surgir para dar conta do que ocorre com o humano em relação ao saber. Este conceito de *Trieb* (termo que foi traduzido em português como pulsão), é de uma ordem outra, distinta do conceito de instinto, que diz respeito ao saber que regula os animais não falantes.

Já no seu *Seminário*, livro 3, Lacan observara que a força da descoberta psicanalítica não estaria nas significações ditas libidinais ou instintivas relativas a toda uma série de comportamentos. Ele aponta que:

80 LACAN, J. *Le savoir du psychanalyste*. Aula de 4 de novembro de 1971, p.15. Hospital Sainte-Anne. Inédito. (Tradução nossa).

[...] no ser humano, as significações mais próximas da necessidade, as significações relativas à inserção mais animal no meio enquanto nutritivas e enquanto cativantes, as significações primordiais, estão submetidas em sua sequência e em sua própria instauração, às leis que são aquelas do significante.⁸¹

Ao se referir, ainda neste seu seminário, à questão do desconhecimento da função procriadora do pai, Lacan vai enfatizar que “a função *ser pai* não é absolutamente pensável na experiência humana sem a categoria do significante”⁸².

Ora, a partir do que a psicanálise nos ensina, podemos dizer que não há nenhum significante mestre – S_1 – que possa suportar a função paterna. O significante do falo Φ , esta inscrição generalizada do significante-mestre, não é suficiente para suportar o Pai Real. (Será preciso, no entanto, dizer que não nos referimos aqui, à questão da psicose, mas sim à questão do Pai Real que não existe).

É partindo da inexistência desse significante puro que julgamos poder dizer que a adoção não diz respeito, apenas, à criança, de fato, adotada. Todo sujeito, quer seja, de fato, adotado ou não, vai colocar para si uma pergunta sobre a sua filiação.

Podemos encontrar, em Freud, elementos para dizer que toda criança é adotada. Vejamos: no seu texto *Romances familiares*, ele vai apontar que é a própria criança que nos ensina isto quando, em um dado momento de sua vida, imagina que seus pais não são seus pais verdadeiros. Ao descrever como se dá a construção do que ele denominou “romance familiar”, Freud nos diz que pequenos fatos da vida da criança a fazem ficar descontente,

81 LACAN, J. *O seminário livro 3; as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p..225.

82 Ibid. p.329.

fornecendo-lhe um pretexto para começar a criticar os pais. Mantendo esta atitude crítica, a criança começa a pensar que, em certos aspectos, existem outros pais que são preferíveis aos seus. Tomada por um sentimento de estar sendo negligenciada e, também, pela sensação de que sua afeição não está sendo retribuída, a criança encontra abrigo na ideia, mais tarde lembrada conscientemente, a partir da infância inicial, de que é adotada ou de que o pai, ou a mãe, não passam de um padrasto ou uma madrastra.

Segundo Freud, essas ficções, “esses impulsos mentais da infância, conscientemente lembrados, constituem o fator que nos permite entender a natureza dos mitos”⁸³.

Gilles Chatenay, em seu artigo *Adoção e separação*, remetendo-se ao texto *Romances familiares* de Freud, nos diz o seguinte: “[...] todo sujeito, o Édipo obriga, vem a imaginar em certo momento que seus pais não são ‘os verdadeiros’, que ele foi abandonado, roubado, escondido, separado de seus verdadeiros pais”⁸⁴.

Chatenay esclarece que, ao dizer “todo sujeito” e, ao acrescentar “Édipo obriga”, será preciso que se subentenda que há, aí, necessidade lógica, pois o romance familiar é um momento estrutural e não uma fantasia contingente que certos neuróticos produziram, em resposta a uma certa etapa do desdobramento do Édipo.

Dizer que o romance familiar é para todo sujeito – “Édipo obriga” leva a perguntar: e em relação ao psicótico? Freud fala do romance familiar do neurótico e Lacan, quando acrescenta um quarto termo ao Édipo freudiano, propõe *O mito individual*

83 FREUD, S. *Romances familiares*. In: _____. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. IX, p.243-247.

84 CHATENAY, G. *Adoption et séparation* (1994). In: *La petite Girafe*. Bulletin de liaison de la diagonale francophone du nouveau réseau CEREDA, n. 2, p.30-40. (Tradução nossa).

do neurótico, e não o mito individual do sujeito. A respeito desta questão, dirá Chatenay que a implicação não é “o Édipo do neurótico obriga”, mas sim “o Édipo obriga”.

Se seguirmos os avanços da teoria psicanalítica e passarmos do axioma freudiano – a relação incestuosa é interdita, para o axioma lacaniano – a relação sexual é impossível, poderemos dizer: a estrutura obriga. Situamo-nos, então, conforme a ideia de Lacan quando, avançando em direção à lógica e à topologia, afirma que o Complexo de Édipo é um nó, tal como o sintoma que enlaça o Real, o Simbólico e o Imaginário. É o que nos lembra Gerbase, no seu artigo “Complexo de Lacan: RSI Σ ”⁸⁵ quando vai, também, enfatizar que, ao considerarmos o Édipo como um outro modo de fazer laço entre R.S.I., saímos, completamente, da referência ao mito.

Mas, no que diz respeito ao que Freud chamou “romance familiar”, será preciso lembrar que, em termos clínicos, este “romance” é, no neurótico, uma substituição metafórica e pertence, enquanto tal, à modalidade do semblante. Por outro lado, no psicótico, o romance familiar toma valor de certeza; é o que se pode chamar, logo que se explicita, um delírio de filiação.

Semblante ou certeza – será sobre este ponto que talvez se possa falar, em psicanálise, de uma clínica diferencial no que diz respeito à criança de fato adotada. Será preciso destacar que o momento e o modo pelo qual uma criança se vê confirmada como tendo sido adotada são de alta importância.

A questão a ser situada, então, é: como o sujeito vai modalizar – semblante ou certeza – a confirmação pelo Outro que, de fato, ele foi adotado?

85 GERBASE, J. Complexo de Lacan: RSI Σ *Stylus Revista de psicanálise* no.9, Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano, outubro de 2004, p.83.

É preciso assinalar aqui que este Outro é o Outro simbólico e, também, que o “momento” de que se trata não é cronológico, mas lógico. A clínica nos ensina que um sujeito pode já ter sabido de sua condição de adotado e, no entanto, o “momento” deste saber vir num “só depois”.

Em seu texto *A incerteza, sempre, do pai*, Pierre Bruno nos leva a um enunciado jurídico que aparece em *Romances familiares* de Freud: *mater certissima, pater semper incertus est*. Bruno traduz o *pater semper incertus* de Freud não como “é incerto que este Tal seja meu pai” mas, sim, como: “é sempre incerto que haja um pai”⁸⁶.

Ele vai recorrer a Lacan para lembrar que o reconhecimento da procriação paterna não é uma questão para se constatar de forma empírica.

“De que Pai se trata neste enunciado jurídico *pater semper incertus est* em relação ao qual Freud e Lacan não se poupam de extensa exploração?”⁸⁷ pergunta Maria Cristina Kupfer, no seu artigo *A transmissão do pai e suas consequências para a psicanálise de crianças*. Ela própria responde: trata-se do Pai Real que é incerto. A respeito desse pai incerto, ela vai afirmar que “a transmissão da marca da incerteza é a única possibilidade para uma criança de abandonar sua captura na onipotência imaginária paterna e a única via de saída para um destino que escaparia à repetição”.

A incerteza do pai, como nos lembra Kupfer, se choca, atualmente, com a certeza que perseguem a biologia e a genética

86 BRUNO, P. L'incertitude, toujours, du père, In: *L'enfant, la vérité et le roman familial*, Séries de la découverte freudienne, Volume VII, janvier, 1991. La chaine des Pyrénées, Réseau CEREDA du Sud – Ouest, p.159 (Tradução nossa).

87 KUPFER, M.C. *A transmissão do pai e suas consequências para a psicanálise de crianças*. Conferência pronunciada no Colloque franco-brésilien “Liens fraternels et conjugaux: fraternité ou communautarisme?”, ocorrido em Paris, nos dias 5 e 6 de outubro de 2001.

modernas. É interessante notar que, ao colocar a possibilidade de se obter a confirmação da paternidade através dos testes de DNA, a ciência nos situa, também, diante de uma tentativa de anulação do que a psicanálise denomina a incerteza do pai. A clínica psicanalítica comprova que esta tentativa de anulação da incerteza do pai causa efeitos, às vezes, desastrosos. Já em Hans encontramos elementos para trabalhar esta questão. O pai de Hans não percebeu que um pai deve poder transmitir a sua falha.

Hoje em dia, diante dos avanços da ciência e do seu poder de comprovar uma paternidade negada, ainda se aplica dizer: *pater semper incertus est*?

Esta pergunta nos situa diante do problema do juízo de atribuição, isto é, para que alguém possa dizer: este é meu pai – o que é um juízo de atribuição – para isso, é preciso que, por antecedência lógica, se tenha feito um juízo de existência: há um pai. Vimos que isso está problematizado pela teoria psicanalítica. O que se pode confirmar com o acesso ao exame de DNA é a atribuição da paternidade biológica, mas não simbólica.

Em relação a essa promessa de certeza que a ciência moderna enuncia, parece-nos interessante observar que, na adoção, tal como estamos aqui a situá-la, os pais não são os únicos a adotar. Não vamos encontrar, na adoção, uma relação unívoca, pois a criança também poderá adotar, ou não, os pais, sejam eles biológicos ou não. É, aliás, o que fará Nazir Hamad dizer em seu livro *A criança adotiva e suas famílias*⁸⁸, que lhe parece mais correto falar de criança adotiva do que de criança adotada. Concordamos com Hamad. Quando se diz “criança adotada”, se induz a pensar

88 HAMAD, N. *A criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002, p.23.

no ato de um adulto que adota uma criança. No entanto, a clínica nos mostra que a questão da adoção não diz respeito, apenas, aos pais. Como já dissemos, a criança também pode adotar, ou não, aqueles que estão nos lugares de pai e de mãe.

O tema da adoção nos permite estabelecer uma articulação entre psicanálise e literatura. Se formos a Hans Christian Andersen, por exemplo, vemos que podemos aproximar um de seus contos mais famosos – *O patinho feio* – do que diz Freud em “Romances familiares”. A teoria psicanalítica talvez nos permita dizer que todo sujeito é um patinho feio. Para que possamos trabalhar esta afirmação, será preciso lembrar que Andersen, com a sua literatura, nos situa em um mundo dos “todos falantes”. É assim, enquanto tal, que *O patinho feio* nos leva a perceber que o ser falante nasce mal-entendido (no meio de dois outros mal-entendidos) e que, ainda que nasça como filho biológico, isto não basta. Vai aparecer uma dúvida quanto à sua origem. Será preciso a cada um que nasça, enquanto *falasser*, confirmar a sua inclusão como filho da família X. Será na linguagem, através de identificações, que o filhote do homem irá, primeiro, alienar-se em uma família Tal e depois desenvolver um complexo de exclusão necessário e estruturante.

Lacan, no seu *Seminário livro 11*, ocupando-se das operações de constituição do sujeito no campo do Outro, aborda o binômio alienação/separação. Ao se referir à segunda operação – a separação, ele nos diz que se trata, aí, de um *separare*, isto é, de um se parir, um se fazer nascer, um engendrar-se.⁸⁹

Se voltarmos a *O patinho feio* de Andersen, poderemos dizer que, ao longo do percurso que a sua história nos revela, *O patinho*

89 LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.202-203.

feito nos mostra que está a efetuar a segunda operação de constituição do sujeito à qual se refere Lacan. Vamos encontrar, neste conto de Andersen, um sujeito na busca de engendrar-se. O que talvez possa nos surpreender nesta leitura é que, no final, embora continue pertencendo ao conjunto PATOS, o patinho feio não mais aceite a pertinência a este conjunto. Ele faz uma escolha: a de incluir-se no conjunto CISNES.

Em face de *O patinho feio* de Andersen, não podemos deixar de lembrar que, em “Romances familiares”, Freud nos faz perceber que a construção deste romance é estruturante e isto porque será, a partir daí, que se abrirá a possibilidade de que se cumpra a tarefa que, segundo o próprio Freud é, ao mesmo tempo, a mais necessária e a mais difícil, a mais dolorosa que o ser humano deve realizar, o separar-se dos pais⁹⁰.

90 FREUD, S. Romances familiares. op. cit.

Vera Motta⁹¹

A novela familiar – ficção do infantil⁹²

O artigo freudiano datado de 1909, que tem o título na edição brasileira da Imago de *Romances familiares* (*Der Familienroman der Neurotiker*), teve sua primeira publicação inserida na obra de Otto Rank *O mito do nascimento do herói* (1909), segundo nota do editor, e somente em 1931 teve oportunidade de integrar a obra de Freud.

A CONSTRUÇÃO DO ROMANCE FAMILIAR

O tema central do artigo já havia feito seu aparecimento em alguns escritos de Freud, em especial na correspondência a Fliess, nas cartas de 24 de janeiro e de 25 de maio de 1897 e na carta de 20 de junho de 1898. Na primeira delas, o autor menciona as ficções dos paranoicos a respeito da filiação ilegítima, ao passo que na segunda carta aparece a expressão retomada no artigo de 1909, “romance familiar”, já não mais ligada à paranoia, mas à arquitetura da histeria (FREUD, 1986a, b, c).

91 Membro do Campo Psicanalítico de Salvador. E-mail: veramottauneb@gmail.com.

92 Artigo originalmente publicado em MOTTA, Vera. *Literatura e psicanálise: ensaios*. Salvador: EDUNEB, 2017, p.109-124 (ISBN 978-85-7887-330-1).

Na carta de 20 de junho de 1898, Freud (1986c) realiza algo em que a tradição psicanalítica se exercitou no século passado em relação à obra literária: tomá-la enquanto objeto de investigação psicanalítica, encontrando aí um lugar privilegiado de aplicação dos pressupostos teóricos da psicanálise. Desse modo, a obra *A juíza (Die Richterin)*, de Conrad Ferdinand Meyer (1825-1898), escritor suíço de inclinação realista, foi a ocasião para Freud demonstrar o seu empenho em encontrar, numa produção ficcional, os fundamentos do psiquismo humano que ele buscava desvendar.

Nesta última carta, reaparece a expressão “romance familiar”, ao lado de “romance literário”, ocasião para Freud (1986c, p.318-319) destacar alguns elementos facilmente encontráveis nos romances da infância, entre os quais as brigas entre os pais e o ressentimento contra a mãe. No romance de Meyer, segundo Freud, este último elemento se expressa na transformação da mãe em madrasta, o que faz o autor afirmar que a obra *A juíza* nada deve aos romances de vingança e perdão que seus pacientes histéricos inventavam sobre suas próprias mães.

Em *Romances familiares*, Freud ([1909]1976) abre o artigo com a afirmação de que o indivíduo, no curso do seu desenvolvimento, liberta-se da autoridade parental, operação psíquica necessária para o progresso da sociedade, apoiado na oposição entre as gerações sucessivas. Nessas operações, o neurótico parece falhar, o que impõe a Freud considerar os elementos que se ocultam por trás desse sintoma. Isso nos conduz ao tema da fantasia e do romance familiar do neurótico.

Estes dois grandes temas – separar-se dos seus pais e estabelecer-lhes oposição – serão objeto de considerações de psicanalistas contemporâneos, dos quais selecionamos dois para comentar.

Uma primeira referência é o artigo de Gurski (2006), em que a autora busca interrogar as condições sociais que dificultam a elaboração do adolescer na atualidade, apontando, através de recortes fílmicos e de alguns referenciais teóricos, o que ela designa por “juvenilização” da cultura e dos seus efeitos na transmissão da experiência dos adultos aos mais jovens. O termo “juvenilização” inspira-se em outro, de empréstimo linguístico do inglês, “teenegização”, para o qual Kehl (2004, apud GURSKI, 2006) aponta em seu trabalho *A juventude como sintoma da cultura*.

Por teenegização ou juvenilização da cultura, Gurski e Kehl (2004, apud GURSKI, 2006) entendem que o adolescente sem lei produz-se numa cultura em que o lugar do adulto está vacante. Ante a necessária distância que os jovens devem estabelecer em relação àqueles que foram, por toda a infância, os representantes encarnados do Outro, e, considerando que, do lado do Outro, não se apresentam os elementos suficientes para essa diferenciação, resulta que a criação do novo, subjetivamente, não se faz ou se faz à custa de transgressões.

Importa, ainda, considerar, no artigo de Gurski (2006), uma menção ao conceito de Alfredo Jerusalinsky (1996, apud GURSKI, 2006) de agressivização, que se distingue da agressividade, propriamente, por se tratar da agressividade-hostilidade utilizada como operação estrutural necessária à demarcação dos espaços corporal e psíquico. Neste sentido, aponta a autora, quanto maior a idealização dos pais, maior a dose de agressivização para efetuar a separação.

Outra referência que trazemos é o trabalho de Gerbase (2007), *Comédias familiares: Rei Édipo, Príncipe Hamlet, Irmãos Karamázovi*, em que o autor discute, entre outras questões, a dimensão estrutural do parentesco, afastando-se da concepção

freudiana do Édipo e aproximando-se das proposições de Jacques Lacan. No capítulo *Não há relação sexual*, aponta a hipótese lacaniana segundo a qual a cópula de que se trata nada tem a ver com o sexo, propriamente, mas com a cópula de significantes, ou o laço social entre as instâncias do simbólico, do imaginário e do real (GERBASE, 2007).

Para melhor se fazer entender, Gerbase (2007) propõe ao seu leitor um paradoxo: a impossibilidade da relação sexual não se aplica à relação edipiana concebida por Freud, mas à relação entre um homem e uma mulher, porquanto do lado do feminino uma parte do gozo, que Lacan denomina “não-todo”, não encontra representante no inconsciente. A essa relação entre um homem e uma mulher, Gerbase denomina de exogamia, considerando-a da ordem do impossível, o que resulta na hipótese de que a endogamia, portanto, é possível, daí porque a interdição do incesto se ergueu na cultura humana. Este é o argumento para que o autor explique por que as relações entre um menino e sua mãe são possíveis, motivando o levantamento na cultura do estatuto da lei do incesto – lei suplementar da relação endogâmica.

Ambas as referências aqui trazidas assinalam as operações psíquicas que Jacques Lacan desenha no seu seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1979) como as de alienação e separação, e que demarcam a relação do sujeito com o Outro. Empregando uma das formas da lógica simbólica, a reunião, o autor ilustra a operação da alienação com um exemplo corrente: “a bolsa ou a vida”. Sua forma de resolver o impasse da escolha é intrigante: ao escolher a bolsa, perdem-se as duas. Ao preferir a vida, tem-se uma vida sem a bolsa, uma vida decepada (LACAN, 1979).

Quanto à separação, o autor emprega outra figura da lógica simbólica, a interseção, que se define pelos elementos que

pertencem a ambos os conjuntos, aplicando-a à relação do sujeito com o Outro. Para Lacan (1979), o desejo do Outro é apreendido pelo sujeito na medida em que uma falta é encontrada no Outro, nas faltas do discurso do Outro, do que dão testemunho todos os porquês da criança, colocando o adulto à prova.

Tomemos o processo de construção do romance familiar do neurótico em Freud ([1909]1976) como equivalente das operações psíquicas isoladas por Lacan (1979) de alienação e separação. Num primeiro momento, os pais constituem, para a criança, a autoridade única e a fonte de todo o saber, e o desejo da criança é igualar-se aos pais, o que equivale à alienação descrita por Lacan.

Num segundo momento, desestabiliza-se a certeza inicial em relação aos entes parentais, motivada pela irrupção das pulsões de rivalidade sexual, como supõe Freud ([1909]1976). Faz parte desta fase o sentimento de estar sendo negligenciado, que se liga à fantasia posterior de adoção – filiação ilegítima, tal como vimos na carta de Freud a Fliess (FREUD, 1986a). Trata-se das primeiras ficções que se erguem no processo de separação da criança em relação aos entes parentais. Neste ponto de sua argumentação, Freud adverte para um fenômeno que desenvolveremos mais adiante e que se relaciona com a lembrança de alguns indivíduos não neuróticos que responderam à hostilidade dos pais na infância com uma fantasia de filiação ilegítima, em geral, em consequência de alguma leitura.

Observam-se, portanto, dois estádios distintos na construção do romance familiar do neurótico: o primeiro, em que a criança ainda ignora os determinantes sexuais da procriação, ou seja, um momento assexuado do romance, por assim dizer, e que se caracteriza por seu caráter inconsciente, na maior parte das vezes, ocupando-se das relações familiares sob a forma de

devaneios. As fantasias erigidas nesta fase têm em geral motivos ambiciosos e eróticos (FREUD, [1908]1976), além de constituírem uma realização de desejos e uma retificação ou correção da realidade.

Desse modo, constroem-se ficções em que os entes parentais de uma criança reaparecem sob nova roupagem, em geral de linhagem superior, e o modelo dessas construções segue padrões de verossimilhança que podem ser encontrados nas obras romanescas mais elaboradas. O conceito de verossimilhança foi cunhado por Aristóteles (1979) na obra dedicada à *Poética*, ao comentar sobre os caracteres (personagens) do drama, em seus principais atributos: a bondade, a conveniência, a semelhança e a coerência, sendo estes dois últimos termos aqueles que nos introduzem no terreno da verossimilhança. “E quarta é a coerência: ainda que a personagem a representar não seja coerente nas suas ações, é necessário, todavia, que [no drama] ela seja incoerente coerentemente” (ARISTÓTELES, 1979, p.254).

SUJEITO COMO EFEITO DA LEITURA TEXTUAL

O trabalho de interpretação de textos teóricos por aqueles que repetidamente retornam ao campo de seu interesse, como é o nosso caso em relação ao texto freudiano, predispõe-nos a duas atitudes contrárias: assinalar, mais uma vez, o que já foi percebido em leituras prévias, ou ressaltar um aspecto inteiramente deixado de lado em leituras anteriores. Assim procedemos quando o texto de Freud nos interroga num ponto que antes menosprezamos, e que se nos apresenta como novidade, com frescor teórico. Vejamos a seguinte passagem.

Alguns indivíduos que não desenvolveram neuroses se lembram com muita frequência de ocasiões em que – *em geral em consequência de alguma leitura* – interpretaram e responderam dessa forma ao comportamento hostil dos pais. (FREUD, [1909]1976, p.244, grifo nosso).

O que ressaltamos da citação acima se prende ao fato de que aí encontramos as pistas para um dos nossos principais argumentos, a saber, que o sujeito é efeito da leitura textual ou, em outras palavras, que a leitura é ponto de partida para a estrutura do romance. Para ingressar neste território amplo que faz fronteira entre a literatura e a psicanálise – território de borda, litoral –, como se acostumaram os nossos ouvidos à oratória lacaniana, recorreremos a estudiosas e escritoras do campo da literatura e do campo da educação.

A primeira é Marina Warner, autora de *Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores* (1999), cuja Introdução reproduz uma narrativa proveniente do Quênia veiculada por Angela Carter⁹³ em sua primeira antologia sobre contos de fadas. Em vista de sua importância para o nosso argumento, transcrevemos abaixo a história.

[...] enquanto a mulher de um homem pobre vendia alegria e saúde, a sultana no palácio emagrecia e se tornava mais triste a cada dia. O sultão chamou o homem pobre e exigiu saber o segredo da felicidade de sua mulher. 'É muito simples', replica este. 'Alimento-a com a carne da língua'. O sultão ordenou que buscassem todas as línguas que o dinheiro podia comprar – línguas de boi, de carneiro,

93 A primeira antologia de contos de fadas de Angela Carter é *The Virago book of fairy tales*, ed. Angela Carter, Londres, 1990 (apud WARNER, 1999, p.462). Carter é também autora de *O quarto do Barba-Azul* (Rio de Janeiro: Rocco, 2000).

de cotovia. Entretanto, a triste sultana continuava a definhar. Então ele mandou preparar a liteira e fez a sultana trocar de lugar com a mulher do homem pobre. Imediatamente ela se revigorou, tornando-se a imagem da saúde: mais robusta, rosada, alegre. Enquanto isso, no palácio, sua substituta começou a definhar, tornando-se em pouco tempo tão esquelética e infeliz quanto a antiga rainha.

Pois a carne da língua com que o homem pobre alimentava sua esposa não era material. Eram contos de fadas, histórias, anedotas: alimentos transmitidos pela fala, embalados em linguagem. (CARTER, 1990, apud WARNER, 1999, p.13-14).

Uma segunda referência vincula-se a uma pesquisa sobre leitura, empreendida por Silvana Sarno, em sua dissertação de Mestrado em Educação defendida em 2000 na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em que a autora descreve experiências leitoras conduzidas em escolas públicas de Salvador. Tendo acompanhado de perto o trabalho, foi-nos autorizado realizar um recorte dos recontos de histórias infantis, em que uma Leitora, identificada pelo número 10, refere narrativa contada pela professora da classe, recriando-a a partir de fragmentos de sua história pessoal. (SARNO, 2000, apud MOTTA, 2001).

Para os fins aqui pretendidos, selecionamos trechos do reconto de história ouvida em sala de aula, e que a Leitora, à época entre 10 e 12 anos, disse à pesquisadora não conseguir “tirar da cabeça”.

Era uma vez um amo que tinha uma casa muito grande e também muitos escravos, mas só que ele gostava de uma menina, mas a menina não gostava dele. Mas mesmo assim, eles se casaram. Passaram 5 meses ele teve uma filha chamada Maria. A mãe

chamava Maria e ela teve o mesmo nome. Quase no final do ano a mãe da menina ficou doente, aí ela sofreu o acidente e morreu. Aí então ela pegou e falou, papai mamãe tem uma amiga já que ela morreu por que o senhor não casa com a amiga dela? [...] Casou e a madrasta dela. Ela comprou um pé de figo, a madrasta todo dia mandava ela tirar os passarinhos para não comer o figo. Ela pegou e falou: hoje vou dar um castigo nela. [...] Quando Maria subiu para o quarto dela a madrasta falou: [...] deite e desenrole. Matou a menina, cavou um buraco e enterrou. Quando o pai chegou ela falou que a menina tinha fugido. Aí ele começou a procurar [...] e onde a madrasta enterrou Maria estava enchendo de capim [...] Aí quando os escravos pegaram na enxada e bateram, a menina cantou uma musiquinha, 'os escravos do meu pai não cortem meus cabelos, que minha mãe amarrava e meu pai penteava' [...]. (SARNO, 2000, apud MOTTA, 2001, p.127).

Na etapa final da pesquisa, através do expediente da entrevista, a pesquisadora pôde, enfim, escutar da própria garota não só a história ouvida da professora da classe, como também outra, que a pesquisadora identificou como "Rapunzel". Indagada a respeito da presença, em ambas as histórias, do elemento 'cabelo', como também as razões de sua escolha dos contos, a pequena Leitora pôde, enfim, fazer veicular os elementos que apontam para o que Freud ([1909]1976) designa de "romance familiar".

[...] quando eu era pequena tinha o cabelo muito grande, só que não dava para pentear porque eu embaraçava todo. Aí minha mãe pegou mandou minha avó cortar, ela cortou aqui. Quando eu fui crescendo o cabelo começou a crescer de novo, aí eu mesma peguei a tesoura e cortei, e minha mãe não gostou. [...] Minha mãe reclamou, ela falou assim por que você cortou o cabelo? Agora

you vai acabar de cortar. Eu disse – não raspe não. Ela disse – não vou raspar não. Aí ela cortou aqui, porque já estava todo picotado. [...] Minha vó que corta, principalmente em tempo de lua cheia ela corta e o cabelo vai crescendo mais ainda e vai inchando. Eu sou gorda, e teve uma vez que minha vó cortou meu cabelo eu fiquei sequinha, do corpo da minha irmã. [...] Ele cresceu e ficou inchando toda vez que chovia ele inchava. Quando ela cortou de novo, não era tempo de lua cheia ela sempre cortava o cabelo de minha mãe foi fazer um teste com o meu e quando chovia o cabelo inchava e eu secava. Minha vó falou seu cabelo tá crescendo e você está secando o cabelo está te chupando toda, pegou cortou de novo. (SARNO, 2000, apud MOTTA, 2001, p.128).

Ao final da entrevista, a pequena Leitora fala da família, numa narrativa que diz bem de sua ficção familiar.

Meu pai quando eu era pequena ele fez eu tomar um mingau que eu tinha vomitado, eu falei para minha mãe que não ia mais olhar para a cara dele. Eu tinha três meses, tinha acabado de tomar mingau e ele ficou brincando comigo, me jogando para cima e aí eu vomitei e ele fez eu tomar o mingau que eu tinha vomitado. Minha mãe brigou com ele e ele bateu nela, ela que me conta isso, eu perguntei como ela podia provar e ela me mostrou a marca de sangue na parede e o cabelo dela tem uma falha dos pontos que ela levou. (SARNO, 2000, apud MOTTA, 2001, p.128).

PATER SEMPER INCERTUS EST, MATER CERTISSIMA

Alcançamos desse modo a última fase na construção do romance familiar, contemporânea da operação de separação da criança em relação aos entes parentais, ou do sujeito em relação ao

Outro. São características dessa fase: a) o conhecimento ou assunção das funções sexuais parentais; b) a restrição do romance familiar, através da exaltação da figura do pai e autenticação de sua origem materna; c) à fantasia de ilegitimidade na filiação, sobrepõe-se a fantasia de adultério da mãe; d) fantasia de vingança e retaliação em relação aos entes parentais; e) abastardamento, pelo filho mais novo, dos primogênitos, despojando-os de suas prerrogativas (FREUD, [1909]1976).

Neste mesmo artigo de 1909, Freud (1976) evoca o célebre aforismo *pater semper incertus est, mater certissima*, uma figura do direito romano antigo, que dá bem a medida da infidelidade atribuída às mães nas fantasias infantis dos adultos. Essa característica, Freud irá destacar na análise que procede, no ano seguinte (1910), sobre a psicologia do amor entre os homens. Observa-se também que, na tentativa romanceada de construir uma família, o neurótico fracassa, ao conservar, ainda que de maneira disfarçada, o antigo apego amoroso a seus pais. Segundo Oliveira et al (2001, p.28), “todo o esforço será o de restaurar a imagem do pai e continuar a crer nele”, parafraseando Freud.

[...] todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres. (FREUD, [1909]1976, p.246).

Ainda segundo Oliveira et al (2001), a versão da mãe como infiel revela uma descoberta recente da criança: que a mãe é uma mulher sexuada, que goza para além do pai. A série de amantes arrolada na fantasia infantil apoia-se na crença edípica de que a mãe tem acesso a um objeto que a satisfaz e em relação ao qual

a criança pensa igualar-se. A versão do pai, por seu turno, edifica-se a partir de sua incerteza, apontada no romance familiar como uma falha do pai em responder por um gozo que o ultrapassa.

Com essas ficções, o romance familiar, em sua função de interdição, priva a mãe e a criança de um gozo que teria existido entre ambas, construindo-se o mito edípico da família, cerne da neurose infantil. É o que Freud aponta ao final do seu artigo, assinalando que “[...] nenhuma dessas obras de ficção, aparentemente plenas de hostilidade, possui na realidade uma intenção tão má, e [...] ainda conservam, sob um leve disfarce, a primitiva afeição da criança por seus pais”. (FREUD, [1909]1976, p.246).

Esses temas nos conduzem a uma série de subtemas que lhes são coligados, como as técnicas de reprodução assistida, em todas as suas variantes, alcançando a dispensa do pai e até mesmo do ato sexual⁹⁴. Igualmente, o campo extenso dos contos infantis nos oferece a possibilidade de averiguar muitas das características apontadas na construção do romance familiar, em todas as suas etapas, tal como se pode observar nos contos *João Trapalhão* (1992), de Andersen, e *O ganso de ouro* e *A casa da floresta* (1998), de Grimm, para tomar três narrativas exemplares da fantasia de despojamento dos primogênitos pelo caçula.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Poética. In: _____. *Metafísica, Ética e Nicômaco, Poética*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução, comentário e

94 Veja-se, por exemplo, a coletânea *Psicanálise: problemas ao feminino*, organizada por Jorge Forbes (São Paulo: Papirus), em que se incluem, entre outros, “O homem supérfluo e o pai necessário” e “O bebê de proveta e a questão da paternidade”. Veja-se, igualmente, *A criança em nós*, de Sonia Campos Magalhães (2013), em que a autora faz dialogar a psicanálise com os contos de fadas.

índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.237-321.

CARTER, Angela. *O quarto do Barba-Azul*. Tradução de Carlos Nougué; prefácio de Vivian Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

CONTOS de Andersen. Projeto gráfico de Mary França e Eliardo França. São Paulo: Editora Ática, 1992.

CONTOS de Grimm. Adaptação de Maria Heloisa Penteado; ilustrações de A. Archipova. São Paulo: Ática, 1998. v.1.

FORBES, Jorge (Org.). *Psicanálise: problemas ao feminino*. São Paulo: Papirus, 1996.

FREUD, Sigmund. Carta de 24 de janeiro de 1897. In: MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986a. p. 227-230.

FREUD, Sigmund. Carta de 25 de maio de 1897 e Rascunho M: A arquitetura da histeria. In: MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986b. p. 246-249.

FREUD, Sigmund. Carta de 20 de junho de 1898. In: MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986c. p.318-320.

FREUD, Sigmund. Romances familiares [1909]. In: FREUD, Sigmund. *'Gradiva' de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.239-247. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, v. 9).

FREUD, Sigmund. Um tipo especial de escolha feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) [1910]. In: FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910 [1909]). Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 147-157. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, v. 11).

GERBASE, Jairo. *Comédias familiares: Rei Édipo, Príncipe Hamlet, Irmãos Karamázovi*. Salvador: Campo Psicanalítico, 2007.

GURSKI, Roselene. Crônica da adolescência contemporânea. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 30, p.153-166, 2006.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MAGALHÃES, Sonia Campos. *A criança em nós*. Ilustrações de Lygia Sampaio. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico; Ágalma, 2013.

MOTTA, Vera. A escrita como fragmento do romance familiar. *Revista da FAEBA*, Salvador, n.15, p.125-129, jan./jun. 2001.

OLIVEIRA, Sandra Maria Espinha et al. (Rel.) O romance familiar e suas exceções. *Curinga*, Minas Gerais, n. 15/16, p.28-39, abr. 2001.

SARNO, Silvana. *Da linguagem: a leitura da literatura na escola: uma prática de significância*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

WARNER, Marina. Introdução. In: WARNER, Marina. *Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. Tradução de Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 13-14.



Nascido do desejo de manter vivo o que foi trazido por Freud a respeito da criança e fiel à orientação de Lacan de se conceder importância a esta criança trazida, de forma surpreendente, pela psicanálise, emergiu no Campo Psicanalítico de Salvador um Centro de Estudos e Pesquisa sobre Psicanálise e Criança denominado REDEPIÃO.

Ao longo de seu percurso, tal como na Clínica freudiana, uma aspiração surgia no horizonte daqueles que, trabalhando com a fala, também apostam na escrita: a construção de uma revista a trazer um pouco de REDEPIÃO, neste esforço de manter viva a questão da criança trazida pela psicanálise. E é nesse contexto e na exigência de seguir adiante no percurso vivido até agora que ela surge – a REVISTA REDEPIÃO – em seu número 1, fiel à expressão escolhida e que tem perdurado ao longo de todos esses anos: Psicanálise e Criança.